



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Curso de Pós Graduação em Tradução e
interpretação de LIBRAS

O PAPEL DO INTÉRPRETE SURDO

Ricardo Boaretto de Siqueira

UFRJ - Rio de Janeiro

Julho / 2015

Ricardo Boaretto de Siqueira

O PAPEL DO INTÉRPRETE SURDO

Trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação em Tradução e Interpretação da LIBRAS, sob a orientação da Profa. Angela Maria da Silva Corrêa, (UFRJ – RJ), 2015.

UFRJ - Rio de Janeiro

Julho / 2015

Dedico esta obra aos surdos que tiveram ousadia de desbravar novos caminhos para atuarem naquilo que desejavam não se contentando

apenas com o que lhes era oferecido. Também aos surdos que têm coragem de sonhar com outras profissões além da linda profissão de professor.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a Deus por tudo na minha vida.

De coração, agradeço à minha família, em especial à minha mãe Enídia Boaretto de Siqueira, a meu pai Cleitom Marcos Alves de Siqueira e à minha irmã Juliana Boaretto. Em família, foram sempre meus intérpretes.

Ao meu avô Geraldo Boaretto (*in memoriam*), deixo meu agradecimento especial, pois, foi meu referencial. Sempre se preocupou com a minha formação e se esforçava para interpretar tudo pra mim, inclusive o que se passava na televisão. Ele tinha uma percepção exata do que seus olhos podiam captar.

Agradeço à orientadora Angela Maria da Silva Corrêa por toda troca de vida que tivemos durante os estudos nessa busca e pesquisa.

Também agradeço ao intérprete Luís Cláudio da Silva Souza que foi um grande apoio na interpretação contribuindo também com seus conselhos amigos.

Agradeço ao(a) tradutor(a) do trabalho escrito que me pediu anonimato dizendo que minha aprovação e sucesso é o melhor agradecimento que posso dar à ele(a).

Agradeço às Associações de Surdos, à FENEIS, WASLI, WFD e FEBRAPIL.

Agradeço à turma da pós-graduação. Buscamos e interagimos juntos nas construções dos trabalhos, Surdos e ouvintes.

Aos docentes da UFRJ que me ofereceram riquíssimas informações em diversas áreas do conhecimento.

Quero agradecer também àqueles que não fazem parte do corpo docente nem discente da universidade, mas fizeram parte da minha construção de conhecimento.

Agradeço às pessoas que participaram das entrevistas contribuindo para meu crescimento e aprendizado.

Nossa vida é uma constante busca. Agradeço a todos que contribuíram na minha formação.

RESUMO: O presente trabalho analisa o surgimento de um profissional relativamente novo na área de tradução e interpretação de língua de sinais; O intérprete Surdo. Tal artigo surge a partir da minha experiência enquanto intérprete Surdo, como também a contribuição de outros Surdos atuantes nessa função já há alguns anos.

Este estudo visa chamar a atenção para esse novo perfil de profissional no ramo da interpretação das línguas espaço-visuais. Objetiva também problematizar as razões para a inserção de tal profissional Surdo nesse campo já considerado unicamente pertencente ao intérprete ouvinte conhecedor da Língua de Sinais, bem como justificar sua atuação. A metodologia utilizada foi a observação participante, análise empírica de referenciais teóricos, como também uma entrevista a dois grupos: O primeiro composto por cinco intérpretes Surdos que atuam em congressos internacionais. O segundo grupo é composto por um ouvinte intérprete de LIBRAS e três Surdos. Eles foram participantes de tais congressos, e testemunharam o trabalho destes novos profissionais. O trabalho conclui que, são muitos os desafios e há um caminho ainda a ser desbravado no Brasil. E a inserção do intérprete Surdo na equipe de interpretação computa ganhos de várias naturezas.

PALAVRAS-CHAVE: Intérprete surdo; Sinais internacionais; LIBRAS; Língua Espaço Visual; Intersemiótica; interpretação interlingual; interpretação intralingual; interpretação intermodal; interpretação intramodal, Feed Back; formação do intérprete;

ABSTRACT: The present paper analyses the emergence of a relatively new professional in the sign language translation and interpretation field; The Deaf interpreter. This article arises from my experience as a Deaf interpreter, as well as the contribution of other experienced professionals in this position few years ago.

This study aims at drawing the attention to the new profile of the professional in this area of interpretation of visual space languages. The aim is also to discuss the reasons for the insertion of Deaf professional in the area which is considered to be exclusively for the Listener, mastering the sign language, besides that justify his intervention. The methodology used was the participative observation, the empiric analysis of the theoretical references, there were also interviews with two groups: the first was composed of five Deaf interpreters who perform in international congresses. The second group composed of listener interpreter of LIBRAS and three Deaf who also took part in congresses and testify the work of these new professionals. This paper comes to the conclusion that there are a lot of challenges to be overcome, although it is a new breaking the ground in Brazil, and the insertion of the Deaf interpreter in the working team add gains of different characteristics.

KEYWORDS: Deaf Interpreter; International Signs; LIBRAS; Language Visual Space; intersemiotic; intralingual interpretation; intermodal interpretation; intramodal interpretation; Feed Back; formation of the interpreter.

LISTA DE SIGLAS

ASL	American Sign Language (Língua de Sinais Americana)
BSL	British Sign Language (Língua de Sinais Britânica)
CDI	Certificate Deaf Interpreter (Certificado de Intérprete Surdo)
CODA	Children of the deaf adults (Filhos de adultos surdos)
EAD	Ensino à distância
EJSMG	Encontro de Jovens Surdos de Minas Gerais
<i>EPILRJ</i>	<i>Encontro de Profissionais Intérpretes de Libras do Estado do Rio de Janeiro</i>
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
ILS	Intérprete de Língua de Sinais
INES	Instituto Nacional de Educação para Surdos
JSL	Japanese Sign Language (<i>Nihon Shuwa</i>)
LGP	Língua Gestual Portuguesa
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LSB	British Sign Language
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil

RSL	Russian Sign Language
SI	Sinais Internacionais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
WASLI	World Association of Sign Language Interpreters
WFD	World Federation of the Deaf
WFDYS	World Federation of the Deaf Youth Section
ZSL	Zambian Sign Language

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Diferença entre tradução e interpretação.....	15
FIGURA 2: Interpretação interlingual na modalidade oral-auditiva.....	17
FIGURA 3: Interpretação interlingual na modalidade espaço-visual.....	17
FIGURA 4: Interpretação interlingual na modalidade espaço-visual (II).....	17
FIGURA 5: Interpretação interlingual na modalidade espaço-visual (III).....	17
FIGURA 6: Destaque para a interpretação intralingual na modalidade espaço-visual.....	18
FIGURA 7: Interpretação intralingual (mesma língua) (II).....	18
FIGURA 8: Interpretação intermodal. Entre modalidades diferentes.....	19
FIGURA 9: Interpretação intermodal. De oral- auditiva para espaço-visual.	19
FIGURA 10: Interpretação intramodal entre três línguas espaço-visuais.....	20
FIGURA 11: Interpretação intersemiótica (entre diferentes sistemas de signos).....	20

FIGURA 12 Interpretação intersemiótica (II).....	20
FIGURA 13: Sinais Internacionais.....	22
FIGURA 14: Diferença entre intérpretes de línguas orais e de Línguas de Sinais.....	26
FIGURA 15: Intérprete Surdo espelho. Discurso inicial: Oral-auditivo.....	28
FIGURA 16: Atuando como intérprete Surdo espelho com auxílio do intérprete ouvinte no XVIII Congresso Internacional promovido pelo INES em 2014.....	28
FIGURA 17: Atuando como intérprete Surdo espelho com auxílio do intérprete ouvinte 3º Encontro Bilíngue no Município do Rio de Janeiro, 2014.....	29
FIGURA 18: Intérprete espelho (II). Discurso inicial: Visual-espacial.....	29
FIGURA 19: Atuando como intérprete no 1º Encontro de Jovens Surdos de Minas Gerais, 2010.....	30
FIGURA 20: Intérprete espelho (III).....	30
FIGURA 21: Atuando como intérprete Surdo espelho no II Encontro Latinoamericano de Tradutores – Intérpretes e Guiaintérpretes de Língua de Sinais em 2013, no Rio de Janeiro.....	31
FIGURA 22: Intérprete <i>Feed Back</i> (de apoio) Discurso inicial oral-auditivo.....	32
FIGURA 23: Intérprete <i>Feed Back</i> (de apoio) Discurso inicial espaço-visual.....	32
FIGURA 24: Intérprete Surdo de conferência. Discurso inicial oral-auditivo.....	33
FIGURA 25: Intérprete Surdo de conferência Discurso inicial espaço-visual.....	33
FIGURA 26: Intérprete de conferência. Discurso inicial espaço-visual.....	34
FIGURA 27: Atuando como intérprete no 1º Encontro de Jovens Surdos de Minas Gerais, 2010.....	34
FIGURA 28: Intérprete surdo atuando num julgamento nos E. U. A.....	35
FIGURA 29: Intérprete de trâmite.....	35
FIGURA 30: Atuando como intérprete de trâmite numa entrevista televisiva.....	36
FIGURA 31: Atuando como intérprete de trâmite numa entrevista na Lapa.....	36
FIGURA 32: Atuando como intérprete de trâmite numa Oficina Cultural na escola municipal Paulo Freire em Niterói, RJ.....	36
FIGURA 33: Suposto intérprete da cerimônia fúnebre de Mandela.....	48

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGICA.....	13
2.1. O que é língua?.....	13
2.1.1. Línguas orais-auditivas.....	13
2.1.2. Línguas espaço-visuais.....	13
2.2. Interpretação, o que é?.....	14

2.2.1.	Interpretação e Tradução. Qual a diferença?.....	14
2.2.1.1.	Interpretação simultânea e consecutiva.....	15
2.2.2.	Interpretação/Tradução interlingual e intralingual.....	16
2.2.3.	Interpretação/Tradução intermodal e intramodal.....	18
2.2.4.	Interpretação/Tradução intersemiótica.....	20
2.3.	O que são Língua de Sinais?.....	21
2.3.1.	LIBRAS.....	21
2.3.2.	Língua de Sinais Internacionais (SI)	21
2.4.	Cultura	
	Surda.....	22
2.5.	Identidade	
	Surda.....	23
3.	LEVANTAMENTO DAS SITUAÇÕES DE ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE SURDO COM BASE EM SEUS DIFERENTES PAPÉIS.....	24
3.1.	As primeiras atuações do intérprete Surdo.....	24
3.2.	Atuações informais do intérprete Surdo.....	24
3.3.	Intérprete de línguas orais.....	25
3.4.	Intérprete de Línguas de Sinais.....	25
3.5.	Intérprete Surdo.....	26
3.6.	Intérprete espelho.....	27
3.7.	Intérprete de apoio (<i>Feed Back</i>).....	31
3.8.	Intérprete de conferência.....	33
3.9.	Intérprete de trâmite.....	34
3.10.	Guia-intérprete turístico.....	36
3.11.	Intérprete surdocegos.....	37
		para
3.12.	Guia-intérprete surdocegos.....	37
		para

4. ANÁLISE	39
4.1. Discussão aprofundada das diferentes situações. (Tabelas I e II).....	40
4.1.1. Síntese das entrevistas.	41
4.2. Implicações.....	4
5	
4.3. Legislação.....	4
6	
4.4. Formação profissional.....	46
4.4.1 Certificação.....	48
4.5. Ética.....	4
9	
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE I. Entrevista com intérpretes surdos de SI e/ou ASL.....	56
APÊNDICE II. Entrevista com participantes de congressos internacionais com a presença de intérprete Surdo.....	66
ANEXO Código de ética dos intérpretes.....	79

1- INTRODUÇÃO

O quê?! Não entendi! Será que é isso?! Essas questões são constantes no que diz respeito às experiências de interpretação e tradução no contexto educacional da Comunidade Surda.

Neste sentido, apesar dos avanços conquistados por tal comunidade quanto à acessibilidade, é comum nos depararmos com entraves, desentendimentos e enganos na comunicação de discursos de diversas naturezas. Vivenciando diversas situações em palestras, congressos, reuniões, aulas e seminários, posso afirmar que ainda hoje, mesmo com os progressos alcançados na qualidade e profissionalização dos intérpretes de Língua de Sinais, tais desconfortos são reais. Há ausência de conforto linguístico no processamento e nas apropriações das informações recebidas pelos Surdos, acarretando falhas no entendimento geral e pormenorizado sobre o que se discursa. É possível constatar tal afirmação fazendo uma simples consulta entre receptores ouvintes e Surdos sobre o que foi dito pelo orador e comparar as declarações dos consultados. Geralmente, os Surdos compreendem menos detalhes e fazem menos conexões do discurso apresentado do que os receptores ouvintes.

O presente trabalho não tenciona depreciar o trabalho já desenvolvido pelos profissionais ouvintes atuantes. Reconheço a importância destes e toda a contribuição que eles deram (e dão) à Comunidade Surda.

Isso não traduz necessariamente a ideia de que os intérpretes ouvintes são incompetentes. Mas, é mais a questão de muitos fatores que tratam com o reconhecimento de incluir o DI (*Deaf Interpreter*) como parte de um time. (BIENVENU & COLONOMOS 1992; MINDESS 1999; STEWART et al. 1998 apud JANZEN, 2005, p. 326).

Mas sim, propor estratégias inovadoras para o objetivo comum de trazer entendimento ao receptor do discurso da maneira mais clara possível. Pois, o ato de interpretar é uma tarefa que exige muito mais do que apenas conhecer as línguas envolvidas no discurso a ser traduzido.

Ser tradutor não é ser aquele que sabe duas línguas e que simplesmente transpõe uma língua para outra; também não é só aquele que reconstrói significados. Esse profissional precisa conhecer e saber a cultura, a linguística das línguas fonte e alvo, além de ter experiência na vida social. (SEGALA, 2010, p. 7)

Este estudo propõe a inserção do profissional intérprete surdo à equipe de tradução e interpretação.

No presente trabalho buscou-se responder questionamentos bastante comuns sobre a real necessidade deste relativamente novo perfil de profissional; o intérprete Surdo. Esse registro traz à tona a discussão dos pormenores que norteiam a função de interpretar, que está muito além do mero conhecimento de duas ou mais línguas. Campello cita Luklin, reforçando o argumento de que “para captar as mensagens e sua tradução/interpretação, exige uma profunda reflexão.”

Escutar uma comunidade que usa um código linguístico distinto do nosso, buscando uma imersão nos aspectos culturais que cercam o diálogo, o monólogo, as narrativas em grupo, as arquiteturas da justiça e do rumor, as expressões peculiares, a gíria, a definição de gêneros, não é tarefa que possa ser cumprida pelo sentido exclusivo do ouvir. O olhar passa a ser fundamental. Ela colabora para o descentramento do sujeito moderno obrigando o uso do corpo de forma diferente dos nossos códigos cotidianos. Implica uma mobilidade dos olhos, da cabeça, do rosto, das mãos, dos braços, organizados de forma diferente. Solicita uma agilidade de percepção, uma plasticidade do cérebro. (LUKLIN, 2005 apud CAMPELLO, 2014, p. 148).

Também fomenta a discussão da real necessidade desse profissional. Ele é mesmo necessário? Ou é um capricho/exagero da comunidade surda visando uma reafirmação de suas capacidades sociais e marcação territorial na disputa de poderes?

O ingresso desse profissional à equipe de intérpretes ouvintes provoca desconforto e ameaça profissional? Ou é possível trabalhar em conjunto, Surdos e ouvintes, na mesma função de tradução e interpretação, criando um ambiente de trabalho com espírito de equipe, sem que haja espírito competitivo?

Esse trabalho propõe reflexões maduras e levantamento de críticas construtivas a fim de buscarmos soluções práticas para o bom desenvolvimento do trabalho de interpretação e tradução experimentado pela Comunidade Surda atualmente.

Inauguro os apontamentos citando Campello (2014, p.152), onde ela ressalta alguns aspectos que contrastam o intérprete surdo do intérprete ouvinte, a partir de narrativas dos próprios intérpretes Surdos:

- A. o conflito de entender a tradução “aportuguesada”;
- B. não possuir os aspectos culturais da comunidade Surda;
- C. Os intérpretes não-surdos não têm base da língua de sinais americana, nem da língua de sinais internacionais e dificuldade de fazer tradução cultural da comunidade Surda;
- D. Não tem base completa da língua de sinais da comunidade Surda;
- E. Dificuldade de entender a soletração rítmica;
- F. Os intérpretes não-surdos têm dificuldade de usar as descrições imagéticas.

O presente trabalho também se justifica pela situação recorrente onde grande parte dos Surdos têm poucas possibilidades na escolha de sua carreira. Grande maioria atua como professores e instrutores de LIBRAS, mesmo quando almejam trilhar outros caminhos. O surgimento do profissional intérprete Surdo expande caminhos para a escolha da carreira profissional do sujeito Surdo.

Tal propósito também se fundamenta no reconhecimento da Língua de Sinais como língua oficial do país, por meio da Lei 10.436 de 2002 regulamentada pelo Decreto 5.626 de 2005. Neste último consta a obrigatoriedade das instituições educacionais garantirem às pessoas Surdas acesso à comunicação e à informação, dando-lhes condições de atuar na sociedade.

Este trabalho também se justifica pela minha inserção e prática no contexto da interpretação, com atuação na função de interprete de Língua de Sinais Internacionais, com experiência profissional vivida nos últimos sete anos.

Objetivo geral

Contribuir com a formação de intérpretes Surdos.

Objetivos específicos

Conscientizar e informar a sociedade a respeito da relevância deste profissional para melhorar a qualidade do serviço de interpretação.

Contribuir com maior conforto linguístico para a Comunidade Surda

Incentivar análises e autoanálises construtivas objetivando encontrar soluções quanto às barreiras tradutórias e interpretativas existentes no cenário da Comunidade Surda e expandir as possibilidades de escolha da carreira profissional pelo Surdo.

Contribuir no desenvolvimento de habilidades de realizar traduções entre quaisquer contextos e níveis sociais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

2.1. O que é língua?

Antes de começarmos a abordar a temática deste trabalho precisamos definir nossa concepção de língua. Para este trabalho consideramos a língua em consonância com Segala:

A partir da leitura da linguagem verbal e da não-verbal, constatamos que para falarmos e sermos compreendidos, ou seja, para interagirmos com outras pessoas por meio de palavras, precisamos ter domínio de uma língua. A língua é assim um veículo de ação social. (SEGALA, 2010, p.12)

Compreendo a língua como ferramenta de ação social, em consonância com o conceito definido acima pelo autor Segala.

2.1.1. Línguas orais-auditivas

Parafraseando Souza (s/d, p. 12), as línguas orais-auditivas são produzidas através da utilização do aparelho fonoarticulatório na produção dos sons da fala e percebidas através da via auditiva. Grande parte das percepções das mais diferentes emoções é discernida através da tonalidade usada na voz. Sua aquisição se dá naturalmente pelas pessoas ouvintes (não Surdas) que iniciam esse processo recebendo *input* de seus pais (geralmente) até a produção dos primeiros balbucios e posteriormente das primeiras palavras.

2.1.2. Línguas espaço-visuais

Diferentemente das línguas orais-auditivas, as línguas espaço-visuais não se utilizam do aparelho fono-articulatório nem das vias auditivas. A visão, as expressões corporais e faciais bem como a utilização das mãos são seus principais elementos na construção dessas línguas.

As Línguas de Sinais são línguas utilizadas pelas Comunidades Surdas. Elas apresentam as propriedades específicas das línguas naturais, sendo, portanto, reconhecidas enquanto línguas pela Linguística. As Línguas de Sinais são visuais-espaciais captando as experiências visuais das pessoas Surdas,

(...) são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através do canal oral-auditivo, mas através da visão e da utilização do espaço. A diferença na modalidade determina o uso de mecanismos sintáticos específicos diferentes dos utilizados nas línguas orais. As línguas de sinais são sistemas linguísticos independentes dos sistemas das línguas orais e não são universais. (QUADROS, s/d, apud BRITO, s/d, p. 1)

Para sua composição estrutural é preciso observar o bom uso do espaço evitando sinalizações demasiadamente estreitas ou expansivas demais.

Deste modo “(...) a produção dessas línguas ocorre prioritariamente pelas mãos, que são os articuladores primários, enquanto que a percepção se dá por meio visual (BRITO, 1995; QUADROS, 2004 (apud) SOUZA, s/d, p. 11)”.

2.2. Interpretação, o que é?

Podemos pensar dois sentidos para o termo INTERPRETAÇÃO.

O primeiro que vou expor é o ato de compreender a mensagem recebida. Esse conceito pode ser esclarecido se pensarmos numa interpretação de texto. Interpretar um texto não é

reescrevê-lo para outra língua. Mas sim, captar a mensagem explícita nas letras bem como as implícitas.

O segundo sentido para a INTERPRETAÇÃO se refere à ação de estabelecer a comunicação entre duas línguas.

Segundo Corrêa, “a primeira fase do processo tradutório é interpretativa, ou seja, para se traduzir um texto é necessário, antes de mais nada, compreendê-lo.” (CORRÊA, 2007 apud SOUZA, s/d, p. 9)

2.2.1. Interpretação e tradução. Qual a diferença?

Em termos gerais, o uso das palavras interpretação e tradução se mesclam nas conversas informais. “Pode-se dizer que a tradução é o termo geral que se refere a transformar um texto a partir uma língua fonte, por meio de vocalização, escrita ou *senalização*, em outra língua meta”. (PEREIRA, p. 136, 2008).

Contudo, tal termo carrega duas ações distintas: A interpretação e a tradução especificamente. O esquema abaixo elucida tal afirmação:



Figura 1: Diferença entre tradução e interpretação
Fonte: PEREIRA, 2008, p. 137.

Considerando a modalidade da língua para qual está sendo transformado o texto, se a língua alvo estiver na modalidade escrita trata-se de uma tradução; se a língua alvo estiver na modalidade oral (também chamada de vocal) ou sinalizada (em tempo imediato), trata-se de

uma interpretação. Ainda que o texto chegue à língua alvo na modalidade sinalizada, o mesmo pode ser classificado como tradução se o produto final for um registro filmado resultante de um trabalho reflexivo, revisto e corrigido.

Neste contexto, a tradução demanda tempo e reflexão para correções e melhores escolhas; a interpretação é feita instantaneamente. Não há tempo para considerar escolhas nem para fazer correções complexas. Salvo contexto em sala de aula que,

(...) na maioria dos casos, em situações que permitem trocas comunicativas, como por exemplo, a interpretação em sala de aula, essa relação é dinâmica [...] Assim, podemos dizer que a interpretação pode ser mais ou menos dinâmica de acordo com os componentes da situação de comunicação (dialogal ou monologal). (SOUZA, s/d, p. 11)

2.2.1.1. Interpretação simultânea e consecutiva

No contexto do profissional intérprete de línguas orais, a interpretação simultânea geralmente ocorre numa cabina de interpretação. Nesse caso, esse profissional não tem contato visual com os receptores. “(...) o intérprete simultâneo tem de entrar em uma perfeita sintonia psíquica com a alma e o espírito e, sobretudo, com a voz, a fala e o discurso do palestrante (...)” (ROMÃO, 1998, p. 107), a fim de transmitir além das palavras, toda emoção presente na fala. Essa modalidade de interpretação é feita ao mesmo tempo em que se ouve o discurso e é muito comum em eventos internacionais transmitidos ao vivo pela mídia, como por exemplo, a entrega do Oscar.

O intérprete simultâneo enfrenta alguns desafios como: entonação da voz para acompanhar a ênfase dada pelo locutor, velocidade da fala, escolhas adequadas de vocabulário que preservem a coesão e coerência do discurso, fazer transposições culturais, linguísticas e semânticas do conteúdo recém-recebido e transmiti-lo imediatamente, sem perder a continuação do que está sendo dito.

No contexto da interpretação simultânea envolvendo Língua de Sinais, poucos aspectos se diferenciam. O intérprete enfrenta os mesmos desafios da velocidade da fala/sinalização, escolhas adequadas de vocabulário que preservem a coesão e coerência do

discurso, fazer transposições culturais, linguísticas e semânticas do conteúdo recém-recebido e transmiti-lo imediatamente, sem perder a continuação do que está sendo dito. Contudo, há de se observar que a entonação é dada através das expressões faciais e corporais e pela intensidade na sinalização.

A interpretação consecutiva utiliza-se de breves pausas entre as falas intercaladas do emissor e do intérprete. O palestrante se pronuncia concluindo sua sentença e/ou raciocínio e dá uma pausa para o intérprete retransmitir sua mensagem. A seguir, ele retoma o discurso de onde parou fazendo outra pausa para outra retransmissão e assim sucessivamente até a conclusão do discurso. Esse tipo de interpretação ocorre ao lado do emissor e, geralmente, de frente para os receptores. O intérprete retém na memória a maior quantidade de informações possível até que chegue seu momento de repassá-las. Romão destaca que:

o (...) intérprete consecutivo fará o *mesmo* discurso ouvido (ou visto – contribuição nossa) (...), todavia, acabará sendo um novo discurso, *não* no sentido em que será transformado ou distorcido, mas pela nova roupagem linguístico-cultural em que estará envolvido. (ROMÃO, 1998, p. 107)

2.2.2. Interpretação/Tradução interlingual e intralingual

Uma interpretação realizada de uma língua para outra é denominada interpretação/tradução interlingual. Ou, como define Jakobson, “(...) *tradução propriamente dita*, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.” (<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/introducaoAosEstudosDeTraducao/scos/cap30807/1.html>)



Figura 2: Interpretação interlingual na modalidade oral-auditiva.

Fonte: Elaboração própria

Figura 3: Interpretação interlingual na modalidade espaço-visual.

SI (Sinais Internacionais)
ASL (American Sign Language)

Fonte: Elaboração própria

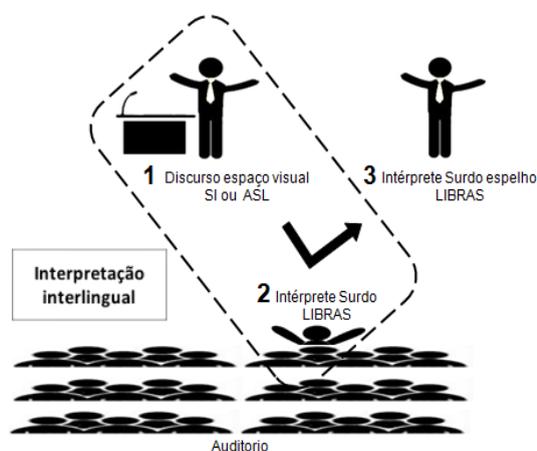


Figura 4: Outra situação de interpretação interlingual na modalidade espaço-visual.

Fonte: Elaboração própria

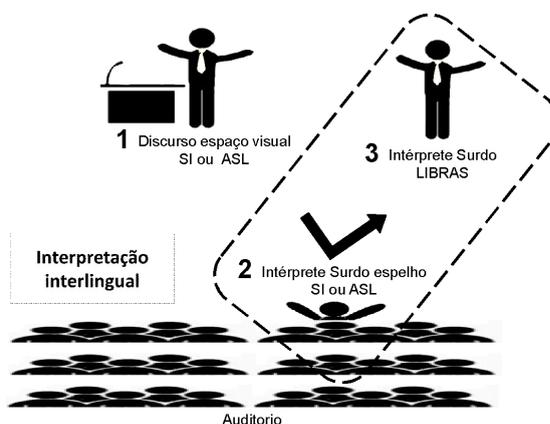


Figura 5: Outra situação de interpretação interlingual na modalidade espaço-visual.

Fonte: Elaboração própria

A interpretação intralingual também é definida por Jakobson como reformulação. “(...) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.”

(<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/introducaoAosEstudosDeTraducao/scos/cap30807/1.html>)

Esta interpretação pode provocar questionamentos do tipo: Tradução/Interpretação para a mesma língua? Como assim? Pra quê?

Se pensarmos numa situação onde o intérprete ouvinte recebe o discurso oral, faz a interpretação para a LIBRAS (portanto, interlingual e intermodal) e em seguida o intérprete

Surdo recebe o resultado dessa primeira interpretação em LIBRAS e a reinterpreta para a mesma língua, LIBRAS, com reforço dos elementos linguísticos e culturais transmitidos de Surdo para Surdos, temos aí a justificativa para tal ocorrência.

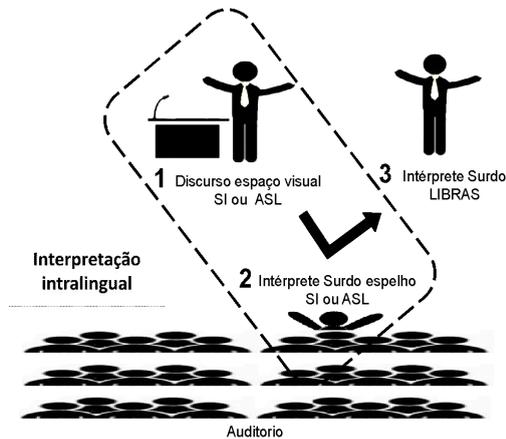


Figura 6: Destaque para a interpretação intralingual (mesma língua) na modalidade espaço-visual.

Fonte: Elaboração própria

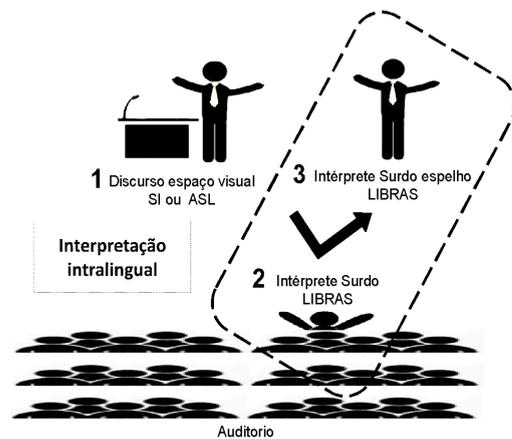


Figura 7: Outro exemplo de interpretação Intralingual (mesma língua)

Fonte: Elaboração própria

Desse modo, Jakobson rebatizou a paráfrase (a tradução dentro da mesma língua) de tradução intralinguística. Octavio Paz (1971, p.1) em “*Traducción: literatura y literalidad*” afirma que “aprender a falar é aprender a traduzir: quando uma criança pergunta a sua mãe o significado desta ou daquela palavra, o que realmente pede é que traduza para a sua linguagem a palavra desconhecida. A tradução dentro de uma língua não é, nesse sentido, essencialmente diferente da tradução entre duas línguas, e a história de todos os povos repete a experiência infantil”.

2.2.3. Interpretação/Tradução intermodal e intramodal

As línguas podem diferir quanto às suas modalidades. Temos a modalidade oral-auditiva, contemplada pelas línguas produzidas e percebidas pelo sistema de audição e fala, e temos ainda a modalidade espaço-visual, cujas línguas são produzidas e percebidas através dos sistemas ocular e tátil. Ou seja, as Línguas de Sinais.

Desse modo, estas modalidades podem se encontrar e interagir através do recurso da interpretação intermodal (entre diferentes modalidades). Por exemplo, a interpretação da língua portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

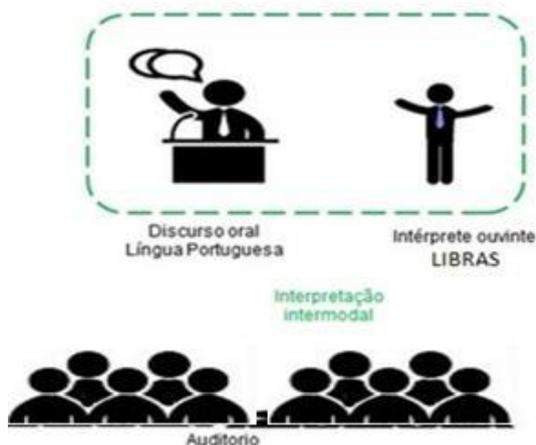


Figura 8: Interpretação intermodal. Entre modalidades diferentes.
Fonte: Elaboração própria

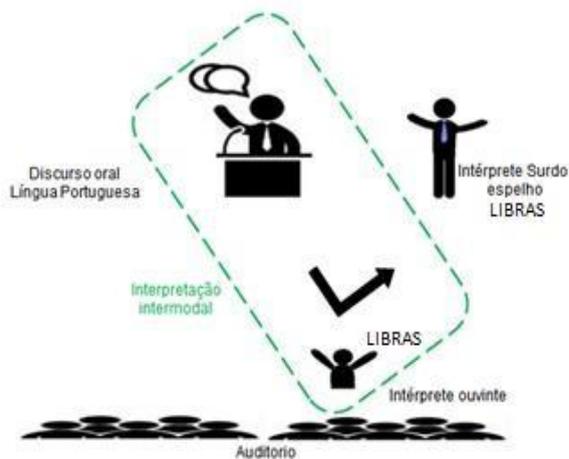


Figura 9: Destaque para a interpretação intermodal Da modalidade oral- auditiva para espaço-visual.
Fonte: Elaboração própria

A interpretação intramodal ocorre entre duas línguas diferentes, porém pertencentes da mesma modalidade. Por exemplo, interpretação de Língua de Sinais Francesa (LSF) para Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

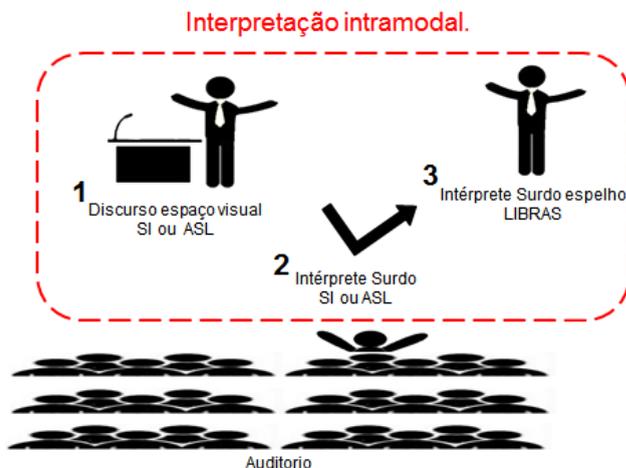


Figura 10: Interpretação intramodal. Entre modalidades iguais. Pode ocorrer entre línguas diferentes ou não.

Nesse caso, as três são de modalidade espaço-visual.
Fonte: Elaboração própria

2.2.4. Interpretação intersemiótica

De acordo com (JAKOBSON, apud: CAMPELLO, 2014, p. 155), a interpretação intersemiótica é realizada entre diferentes sistemas de signos. Se a língua fonte obtiver um sistema de signos sonoros, como as línguas orais têm, e for interpretada ou traduzida para a língua alvo cujo sistema de signos seja imagético, como as Línguas de Sinais, tal interpretação e/ou tradução denomina-se intersemiótica. “(...) uso do vídeo como recurso de tradução de um texto escrito ou falado em uma língua qualquer para a Língua de Sinais [...] É uma tradução intersemiótica.” (SEGALA, 2010, p. 30).

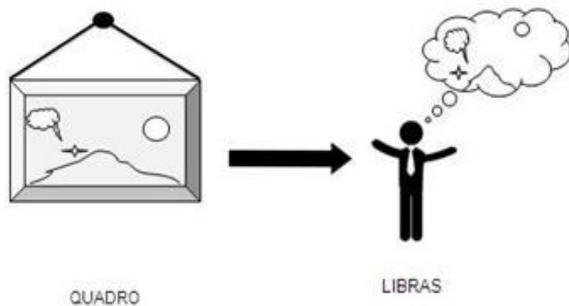


Figura 11: Interpretação intersemiótica.
Tradução entre diferentes sistemas de signos.
Fonte: Elaboração própria

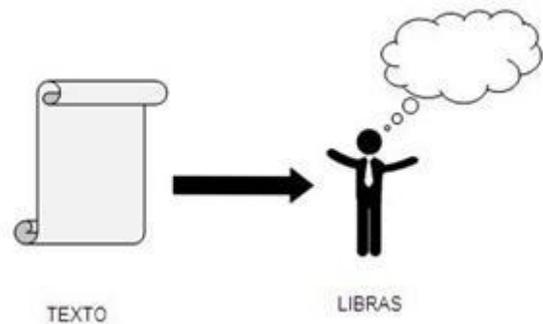


Figura 12: Interpretação intersemiótica:
Texto para LIBRAS.
Fonte: Elaboração própria

2.3. O que são Línguas de Sinais?

Deste modo, são línguas naturais que surgem a partir da interação espontânea entre pessoas Surdas e por pessoas não-Surdas que convivem com os Surdos. Ao contrário das línguas orais, que são construídas por signos sonoros, as Línguas de Sinais são compostas por signos imagéticos. “As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque utilizam-se de um meio ou canal visual- espacial e não oral auditivo.” (BRITO, s/d, p.2)

Através delas, seus usuários podem expressar e adquirir quaisquer expressões de significados desde os concretos aos abstratos.

2.3.1. LIBRAS

Originada da França, a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, reconhecida legalmente como língua oficial do país desde 2002, é a língua usada na comunicação da Comunidade Surda brasileira. No entanto, sujeitos não-Surdos (ouvintes) envolvidos nessa comunidade também são usuários da LIBRAS. Alguns deles são familiares de Surdos, professores, intérpretes, amigos, entre outros.

Desmistificando o senso comum, a LIBRAS não é universal. Cada país tem sua própria Língua de Sinais. Há de se observar também as variações regionais existentes na Língua Brasileira de Sinais. Também não se trata de um conjunto de mímicas ou gestos. Tal como as línguas orais, possui seu sistema linguístico, sua estrutura gramatical própria. Sua modalidade é visual-espacial. Ou seja, é construída principalmente pelas mãos, utilizando expressões corporais e faciais. Sua percepção se dá por meio visual.

Segundo Brito (s/d, p. 5)

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais (...) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade mas seguem também princípios básicos gerais. (...) É dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais.

2.3.2. Língua de Sinais Internacionais (SI)

Língua de Sinais Internacionais (LSI)

A LSI é um sistema de sinais internacionais com o objetivo de melhor entendimento o uso de várias línguas de sinais, para criar uma língua fácil de aprender e de se comunicar. É uma língua que surgiu a partir dos encontros das lideranças surdas europeias e passou a ser usada sistematicamente em eventos internacionais.

(CAMPELLO, 2014, p. 147).

Constitui-se, em grande parte por sinais icônicos e não tem uma gramática fixamente estabelecida. Utilizam-se os sinais com a gramática de qualquer uma das Línguas de Sinais envolvidas.

Esta língua vem no sentido de contribuir na universalização do entendimento possível para os falantes de outros idiomas espaços-visuais.

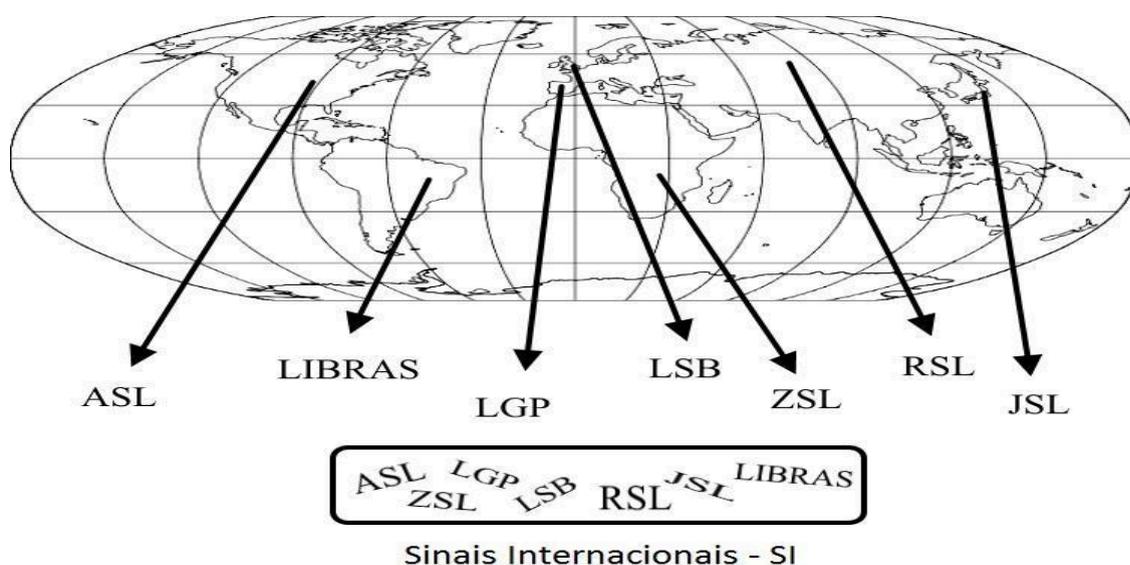


Figura 13: Elucidação visual de SI.

Fonte: <http://freegeographytools.com/wp-content/uploads/2009/05/robinson.png>

2.4. Cultura Surda

É fundamental para sua prática profissional que o intérprete de Língua de Sinais, seja ele ouvinte ou Surdo, reconheça, receba e se aproprie da Cultura Surda. Assim, terá melhores condições de oferecer conforto linguístico para seu cliente.

Perlin (1998, p. 34) afirma: “A cultura visual vem da “experiência visual”.

A Cultura Surda está atrelada ao movimento de recriação do seu espaço cultural visual. O nascimento dessa cultura ocorre e se fortalece na medida em que a Comunidade Surda, em sua convivência minoritária, legitima sua língua.

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. (STROBEL, 2008, p.22)

2.5. Identidade Surda

Podemos considerar a possibilidade de múltiplas Identidades Surdas, ou seja, elas são heterogêneas e apresentam diferentes facetas. Perlin (1998) apresenta cinco grupos na classificação de tal identidade:

- 1- ... identidade surda: aquela que cria um espaço cultural visual dentro de um espaço cultural diverso, ou seja, recria a cultura visual, reivindicando à História a alteridade surda;
 - 2- ... identidades surdas híbridas: aquelas de surdos pós-locutivos, que nasceram ouvintes e se tornaram surdos;
 - 3- ... identidades surdas de transição e formadas por surdos que viveram sob o domínio da cultura ouvinte (em geral, os surdos oralizados) e que posteriormente são inseridos na comunidade surda (processo de “des-ouvintização” da representação da identidade);
 - 4- ... identidade surda incompleta: aquela dos surdos que vivem sob o domínio da cultura ouvinte e negam a identidade surda;
 - 5- ...identidades surdas flutuantes, formadas por sujeitos surdos que reconhecem ou não sua subjetividade, mas que desprezam a cultura surda, não se comprometendo com a comunidade.
- (PERLIN, 1998, p. 19-22)

Partindo desta perspectiva, “... a discussão sobre identidade surda não está desvinculada da cultura surda” (GESUELI, 2006, p. 284).

A Identidade Surda “se constrói dentro de uma cultura visual.” (PERLIN, 1998, p. 34).

3. LEVANTAMENTO DAS SITUAÇÕES DE ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE SURDO COM BASE EM SEUS DIFERENTES PAPÉIS

3.1. As primeiras atuações do Intérprete Surdo

Sofiato e Reily (p. 625, 2011) destacam o papel de “repetidor” desempenhado em sala de aula no ano de 1875 por um aluno Surdo do Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES), Flausino da Gama.

Contudo, apenas em 1993 inicia-se o reconhecimento do uso do Intérprete Surdo no espaço acadêmico.

Isso acontece na Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, quando foram promovidos os cursos no pré – II Congresso Latino Americano de Bilingüismo (Língua de Sinais / Língua Oral) para Surdos. Os cursos elaborados pelos professores Surdos: americano Ken Mikos e sueco Mats Jonsson foram traduzidos / interpretados pelo intérprete Surdo de ASL/Libras, Nelson Pimenta de Castro. (CAMPELLO, 2014, p. 146).

Posteriormente, percebe-se esse tipo de atuação em diversos eventos educacionais internacionais, onde há tradução entre diferentes Línguas de Sinais. Campello fala dessa tradução: “Recentemente surgiu esse novo campo de tradução no contexto educacional do ensino a distância: o da tradução e interpretação do ator/tradutor e finalmente e intérprete de uma língua de sinais para outra língua de sinais” (CAMPELLO, 2014, p. 143).

Entretanto, assim como no início de sua atuação, os intérpretes ouvintes de línguas espaço-visuais atuavam informalmente, principalmente no âmbito religioso em meados da década de 80, o intérprete Surdo vem atuando em diversas situações com a mesma informalidade.

3.2. Atuações informais do intérprete Surdo

Numa situação muito comum em sala de aula para Surdos, onde o professor ouvinte não alcança clareza na transmissão de suas ideias, existe uma lacuna linguística entre o docente e o aluno. Dentre os alunos, é muito comum um deles se dispor a intermediar o entendimento em sala. Geralmente, esse aluno dispõe de habilidade bilíngue, e de captar as

ideias do professor, exercendo assim, o papel de intérprete ou tradutor, compartilhando a mensagem do professor com seus colegas, mesmo sem ouvir ou falar oralmente. Sem falar na tradução dos materiais didáticos. No Curso de Letras Libras EAD, da UFSC, “Surdos atuam sistematicamente na tradução de todos os textos em que a língua fonte é a Língua Portuguesa e a língua alvo é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).” (CAMPELLO, 2014, p.143).

Outro exemplo do cotidiano de atuação informal do intérprete Surdo ocorre quando um Surdo que desconhece a língua escrita precisa falar com um ouvinte que não sabe a Língua de Sinais. Então, outro Surdo, que domina tanto a Língua de Sinais quanto a língua escrita, recebe a mensagem do Surdo em Sinais e a transmite para o ouvinte na escrita e vive-versa.

Tais situações são permitidas para a pessoa Surda bilíngue. Porém, estas seguem agindo e se considerando meros “ajudantes”, devido à informalidade das situações.

No entanto, apesar de tais situações possibilitarem tais atuações, estas interpretações feitas pelos Surdos bilíngues não são consideradas atuações profissionais pelo Estatuto de Intérpretes Surdos até a década de 70, nos Estados Unidos. Para isso, é necessário treinamento e experiência. Falarei a respeito mais adiante.

3.3. Intérprete de línguas orais

De modo geral, o intérprete é aquele que tem a incumbência de intermediar a comunicação entre usuários de duas línguas. Possui capacidade técnica para realizar, durante o processo de interpretação, escolhas lexicais, estruturais e semânticas mais adequadas às duas línguas, possibilitando assim, a compreensão mútua entre o emissor e o receptor.

O profissional intérprete de línguas orais trabalha com línguas produzidas através da utilização do aparelho fonoarticulatório e recepção pela via auditiva. Como por exemplo, a língua portuguesa, o inglês, o francês...

O presente trabalho não objetiva falar dessa categoria de intérprete. Mas sim, daqueles cujo trabalho permeia as línguas espaço-visuais; As Línguas de Sinais.

3.4. Intérprete de Línguas de Sinais - ILS

O papel do intérprete de Língua de Sinais consiste em realizar a interpretação da língua falada para a língua sinalizada e vice e versa. (JAKOBSON, 1992, apud CAMPELLO, 2014, p.155) classifica tal interpretação como intersemiótica.

Contudo, Lacerda, afirma:

(...) o trabalho de interpretação não se restringe a um trabalho linguístico. Os campos culturais e sociais precisam ser considerados quando se pretende compreender um enunciado. Para além do conhecimento da gramática da língua, importa conhecer seu funcionamento, os diferentes usos da linguagem nas ações humana. (LACERDA, 2010, p. 147).

Neste sentido, Pereira (2008, p.140) diferencia resumidamente os intérpretes de línguas orais-auditivas dos intérpretes de línguas espaço-visuais com o seguinte quadro:

Interpretes de línguas vocais	Interpretes de língua de sinais
1. Interpretam de/para as línguas orais.	1. Interpretam de/para alguma língua de sinais.
2. Seus clientes são pessoas ouvintes de diferentes entornos geográficos.	2. Seus clientes são pessoas surdas e ouvintes do mesmo entorno geográfico.
3. Seu campo de trabalho limita-se, normalmente, a encontros internacionais.	3. Seu campo de trabalho é tão amplo quanto as necessidades comunicativas e de informação de seus clientes.

Figura 14: Diferença entre intérpretes de línguas orais e de línguas de sinais.

Fonte: PEREIRA, 2008, p.140.

Acrescento ao esquema demonstrado por Pereira (2008) que, o intérprete de Língua de Sinais também tem clientes Surdos oriundos de diferentes entornos geográficos. Especialmente se tratando de conferências internacionais.

3.5. Intérprete Surdo

O intérprete Surdo é um especialista que fornece interpretação, tradução, transliteração e serviços em outras formas de comunicação visual e táteis usados por indivíduos Surdos, deficientes auditivos, e surdocegos usuários de Língua de Sinais. Como sujeito Surdo, o intérprete Surdo acumula uma gama distinta de experiências linguísticas ao longo de sua formação de vida que permite a compreensão vasta e uma interação ampla no que diz respeito a formas de linguagem e de comunicação visual caracterizadas pela região, cultura, idade, instrução, educação, classe, físico, cognitivo e saúde mental. Essas experiências, juntamente com a formação profissional, possibilitam ao intérprete Surdo a capacidade de efetuar uma comunicação bem sucedida em todos os contextos de interpretações.

Estudos indicam que, em muitas situações, o uso de um intérprete Surdo permite uma ponte linguística e cultural em níveis compatíveis e satisfatórios que muitas vezes não é possível quando intérpretes ouvintes de Língua de Sinais trabalham sozinhos. Grande parte dessas situações se dá em eventos internacionais como Olimpíadas de Surdos, Congressos da WFD, acampamentos organizados pela WFDYS, festivais e etc.

Em acordo com Souza (s/d), o intérprete Surdo desempenha seu papel realizando a interpretação de uma língua sinalizada para outra língua sinalizada (interpretação interlingual) ou para a mesma (interpretação intralingual).

É importante que o intérprete Surdo desenvolva uma sinalização bem organizada e ampla usando bem o espaço na execução da LIBRAS de forma a transmitir com clareza o que diz.

3.6. Intérprete espelho

Em alguns casos, o intérprete Surdo se encontra numa posição desfavorável para oferecer uma interpretação de qualidade. Por exemplo, se este se posiciona lado a lado com o locutor sinalizante, ele é forçado, por motivos óbvios, a virar o pescoço para ver o discurso e, enfim, interpretar. Isso desfavorece a visualização das expressões faciais tanto do orador em relação a ele, quanto dele mesmo em relação aos seus receptores. Considerando que a

expressão facial é um dos elementos essenciais que compõe a Língua de Sinais, perde-se muito na dinâmica da interpretação em questão.

Para solucionar esse infortúnio, justifica-se a atuação do intérprete espelho. Esse vai se posicionar junto à plateia, de frente para o locutor sinalizante e para intérprete Surdo, a fim de fazer a reprodução do discurso espaço-visual, com ou sem intervenções interpretativas. Dessa forma, o intérprete Surdo fará interpretação na posição mais adequada e favorável ao seu trabalho.

Pereira menciona o trabalho de espelhamento da seguinte forma:

Quando um intérprete, ao invés de interpretar, copia a sinalização de outro intérprete. Este é o caso em que, por motivos de localização no espaço, a plateia surda tem que se posicionar em diversos locais onde não seja possível a visualização de somente um intérprete. (PEREIRA, 2008, p. 143).

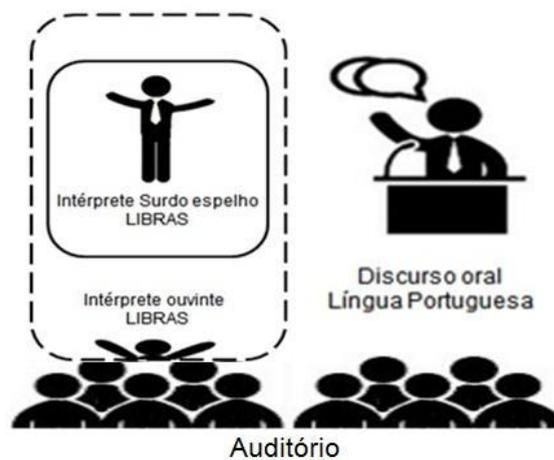


Figura 15: Destaque para a atuação do intérprete Surdo espelho.

Discurso inicial: Oral-auditivo

Fonte: Elaboração própria



Figura 16: Atuando como intérprete Surdo espelho com auxílio do intérprete ouvinte no XVIII Congresso Internacional promovido pelo INES em 2014.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=A8W7_NDEemc (Captura de tela)



Figura 17: Atuando como intérprete Surdo espelho com auxílio do intérprete ouvinte 3º Encontro Bilíngue no Município do Rio de Janeiro, 2014.

Fonte: Arquivo pessoal

O trabalho realizado pelo intérprete espelho não se restringe a reproduzir o discurso. Ele utiliza estratégias cabíveis à estrutura da Língua de Sinais realizando adaptações linguísticas, culturais e identitárias possibilitando assim, um andamento mais leve na transposição das línguas e um entendimento mais claro do auditório Surdo.

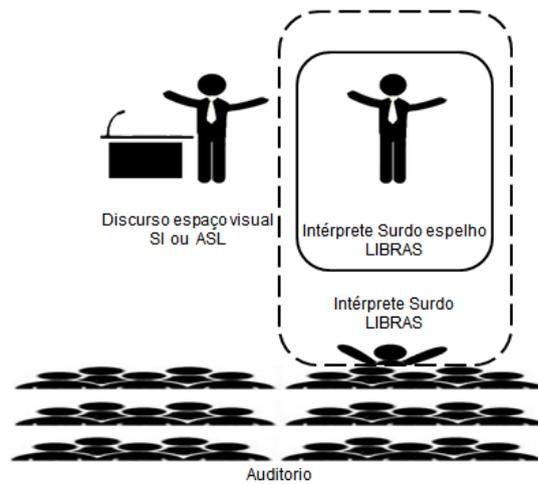


Figura 18: Outra situação de intérprete espelho.
Discurso inicial: Visual-espacial.
Fonte: Elaboração própria

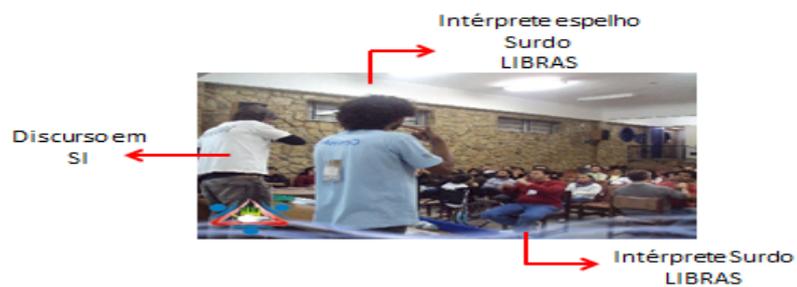


Figura 19: Atuando como intérprete no 1º Encontro de Jovens Surdos de Minas Gerais, 2010.
Fonte: Foto de Érica Milani

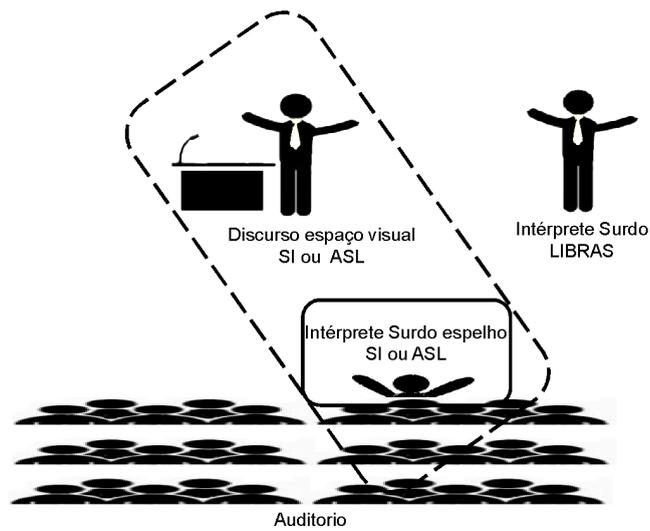


Figura 20: Intérprete espelho
Fonte: Elaboração própria



Figura 21: Atuando como intérprete Surdo espelho no
II Encontro Latinoamericano de Tradutores – Intérpretes e Guiaintérpretes de Língua de Sinais
em 2013, no Rio de Janeiro
Fonte: Página do Facebook do II Elatils

3.7. Intérprete de apoio (*Feed Back*)

Pensemos na seguinte situação: O discurso de partida está sendo feito na modalidade oral-auditiva. Sentado, à frente desse palestrante, o intérprete ouvinte está fazendo a interpretação para a LIBRAS (portanto, interpretação interlingual, por se tratarem de duas línguas diferentes: Português e LIBRAS, e também intermodal, por se tratar de duas modalidades diferentes: oral-auditiva e espaço-visual). De frente a este mesmo intérprete ouvinte, está o intérprete espelho Surdo posicionado de pé, ao lado do palestrante. O intérprete Surdo vai “espelhar”, ou seja, vai captar o discurso em LIBRAS e fazer a interpretação dentro da mesma língua (portanto, interpretação intralingual: de LIBRAS para LIBRAS, e intramodal: ambas de modalidade espaço-visual).

Foquemos agora nossos olhos para o intérprete ouvinte sentado de frente ao mesmo palestrante citado acima. Durante o exercício da interpretação, principalmente se for feita simultaneamente, é natural ocorrer um breve esquecimento de alguma palavra (ou sinal) adequado ao contexto, ou mesmo o desconhecimento de algum vocabulário pelo intérprete em ação. Ocorre então um breve rompimento no raciocínio. O que fazer nesse momento delicado?

Muitas vezes, neste instante, o intérprete faz uma pausa involuntária, buscando em seu “arquivo mental” o significado esquecido/desconhecido ou buscando uma adequação apropriada de modo a recuperar o raciocínio coeso na interpretação. É nessa pausa que o intérprete de apoio (ou intérprete *Feed Back*) entra em cena sussurrando no ouvido a palavra cabível (no caso do ouvinte) ou mostrando o sinal correto para o intérprete espelho Surdo.

O intérprete “Feed Back” (de apoio) se posiciona ao lado do intérprete que vai fazer a versão voz do enunciador sinalizante. Sua responsabilidade é auxiliar o intérprete responsável pela versão oral, em caso de equívocos e/ou dificuldade na interpretação. Esse papel pode ser exercido também pelo intérprete de apoio Surdo que se dirige ao intérprete espelho Surdo quando observado algum equívoco, dando-lhe um apoio na correção imediata da sinalização final. Sendo assim, o mesmo deve estar atento aos três atores em questão: O palestrante, o intérprete ouvinte (nesse caso) e o intérprete espelho Surdo.

O intérprete de apoio (*Feed Back*) tem a responsabilidade de monitorar o bom andamento da interpretação.

Num contexto internacional, além de ser um profissional intérprete de LIBRAS, o intérprete de apoio deve ser também um intérprete de SI ou de outra língua envolvida como a ASL. Haverá momentos de revezamento no andamento da interpretação. Ora vai agir como intérprete espelho, ora como intérprete interlingual e ora como intérprete de apoio.

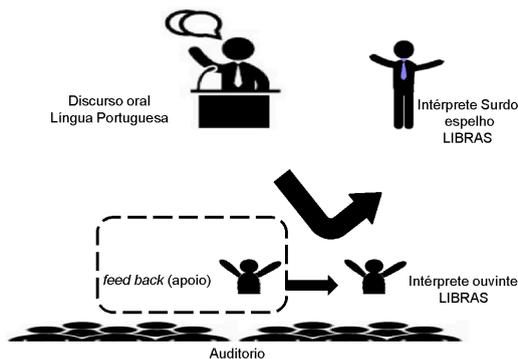


Figura 22: Intérprete *Feed Back* (de apoio)
Discurso inicial oral-auditivo
Fonte: Elaboração própria

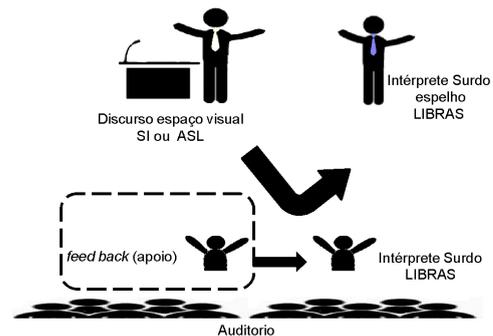


Figura 23: Intérprete *Feed Back* (apoio)
Discurso inicial espaço-visual
Fonte: Elaboração própria

No seu exercício da função, sua responsabilidade não é menor que a dos outros intérpretes. A equivalência de responsabilidade é a mesma à do intérprete ouvinte e do intérprete espelho Surdo e seu papel é importante para dar segurança aos membros atuantes da equipe de interpretação.

3.8. Intérprete de conferência

Parafraseando Pereira (2008), o intérprete de conferência é aquele que trabalha em eventos onde a interpretação, geralmente, não permite participação dialógica durante a conferência. O palestrante fala praticamente o tempo todo. Quando há espaço para interação com os receptores, é somente ao término do discurso, com tempo restrito.

O intérprete Surdo de conferência atua nesse cenário em conjunto com o profissional intérprete espelho (ouvinte) ou não.

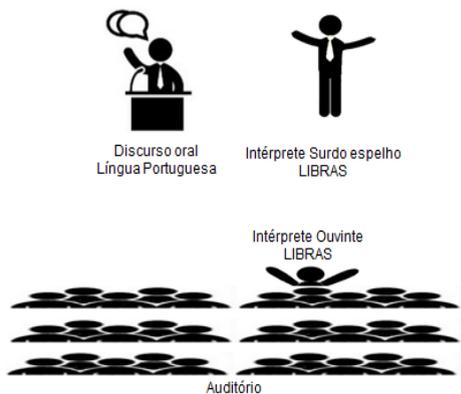


Figura 24: Intérprete Surdo de conferência. inicial oral-auditivo
Fonte: Elaboração própria

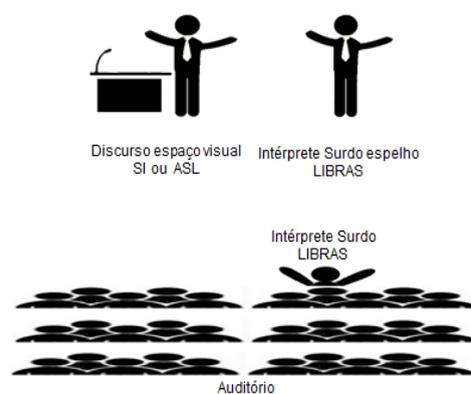


Figura 25:- Intérprete Surdo de conferência Discurso inicial espaço-visual
Fonte: Elaboração própria

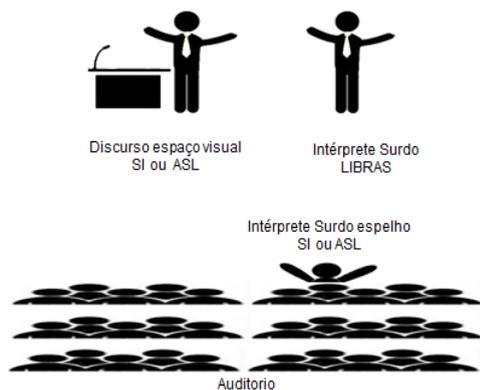


Figura 26: Intérprete de conferência Discurso inicial espaço-visual
Fonte: Elaboração própria



Figura 27: Atuando como intérprete no 1º Encontro de Jovens Surdos de Minas Gerais, 2010.
Fonte: Foto de Érica Milani

3.9. Intérprete de trâmite

Segundo Pereira (2008, p. 139), o intérprete de trâmite “Acompanha uma pessoa ou grupos pequenos em interações geralmente, dialógicas tais como, reuniões, entrevistas, consultas, etc.”

O autor atribui a esse intérprete o seguinte encargo:

(...) No caso em que uma pessoa surda não é falante competente da LIBRAS e um ils (SIC) não consegue estabelecer um entendimento com ela, pode ser chamada outra pessoa surda que por meio gestual consiga uma comunicação primária, mas satisfatória. (PEREIRA, p. 144, 2008)

Nos Estados Unidos, é comum a prestação de serviço do intérprete Surdo juntamente com o intérprete ouvinte de Língua de Sinais em questões judiciais. É possível ter uma amostra no site *Deaf Interpreter Institute*, na seção: *What is a Deaf Interpreter?* Isso demonstra o reconhecimento jurídico americano da necessidade da atuação desse profissional Surdo.



Figura 28: Intérprete surdo atuando num julgamento de um réu surdo nos Estados Unidos.

Fonte: Adaptação própria a partir do site
<http://www.diinstitute.org/what-is-the-deaf-interpreter/>

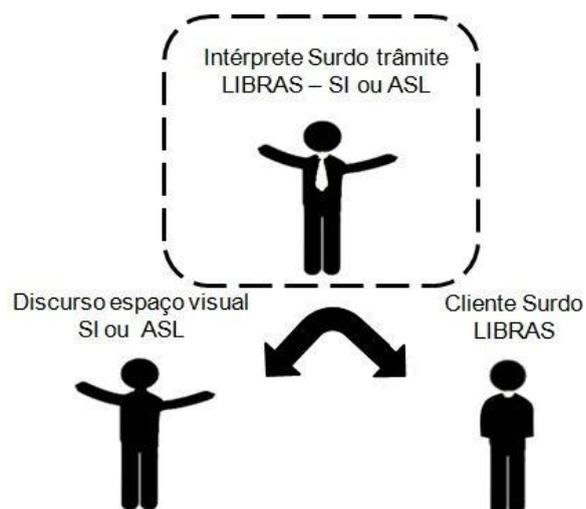


Figura 29: Intérprete de trâmite
Fonte: Elaboração própria



Figura 30: Atuando como intérprete de trâmite numa entrevista televisiva em 2014
Fonte: Foto de Ines Guerreiro



Figura 31:- Outra atuação em entrevista televisiva na Lapa, Rio de Janeiro em 2014
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=DlqDIqVOTJc> (Captura de tela)



Figura 32: Outro exemplo de intérprete de trâmite numa Oficina Cultural na escola municipal Paulo Freire em Niterói, RJ,
Fonte: Foto de Ana Paula Lima

3.10. Guia-intérprete turístico

Sua função é acompanhar os turistas em visitas a locais de interesse, contribuindo com informações histórico culturais desses locais, além de facilitar o acesso a eles.

O guia-intérprete turístico trabalha para contribuir com uma comunicação mais eficaz, diminuindo as falhas na comunicação entre visitante e funcionários desses pontos turísticos.

O guia-intérprete Surdo tem os mesmos encargos citados acima, naturalmente! Seu diferencial está em sua especificidade como Surdo, igualmente à de seus clientes; turistas Surdos. Isso confere aos visitantes maior confiança ao serviço prestado no que tange ao entendimento das informações compartilhadas.

3.11. Intérprete para surdocegos

No contexto da surdocegueira, quando um receptor que é surdocego ou com baixa visão está envolvido, o intérprete Surdo pode receber a mensagem visualmente e em seguida, retransmiti-la para o indivíduo surdocego através da LIBRAS tátil ou pelo alcance visual aproximado.

Este processo não é uma simples cópia de sinais para a pessoa surdocega ou com baixa visão. O intérprete Surdo processa a mensagem, em seguida, transmite-a de maneira mais fácil de alcançar compreensão pelo indivíduo em questão.

Uma de suas funções é a contextualização. É importante informar

(...) para a pessoa surdocega as condições do ambiente, as pessoas presente, descrição de objetos e pessoas. A contextualização deve respeitar o tempo e a importância e a finalidade a que isto será empregada. Primeiro deve-se informar o geral e depois o mais específico. Se for preciso descrever um auditório, primeiro explicar o ambiente e localização que deverá ocupar e só depois descrever quem está presente. (Almeida, N. S. et al, 2012, p. 2)

É importante informar também as reações das pessoas e suas emoções proporcionando assim um completo entendimento da situação e permitindo-lhe liberdade de ele mesmo avaliar as questões envolvidas e ser um participante ativo no evento.

3.12. Guia- intérprete para surdocegos

Há um censo comum que iguala o intérprete para surdocegos ao guia-intérprete. Em minhas consultas bibliográficas encontrei as atribuições claramente descritas concernentes a um guia-intérprete. Porém, não encontrei pesquisas que tratam dessa distinção. Contudo, eles diferem em suas atuações.

O guia-intérprete, além das atribuições do intérprete para surdocegos, ele tem a responsabilidade de acompanhar e guiar o surdocego durante seu deslocamento nos espaços físicos. O intérprete para surdocegos não. “O guia-interpretador acompanha o surdocego durante os intervalos, idas ao banheiro, e refeições, devendo acomodá-la primeiro para depois dizer o que tem para comer e em seguida servi-la.” (Almeida, N. S. et al, 2012, p. 3)

4. ANÁLISE

Ao optar pelo emprego de entrevistas, segui o seguinte roteiro:

Inicialmente, organizei dois grupos de entrevistados: O primeiro, de Surdos intérpretes e o segundo, de participantes de congressos (três Surdos e um ouvinte) que testemunharam a atuação de intérpretes Surdos. Isso possibilitou um entendimento mais aprofundado a partir do conhecimento de outras visões a respeito do intérprete Surdo, que não a minha.

A. A escolha dos entrevistados foi feita a partir do levantamento de alguns contatos dentro do perfil desejado mencionado acima;

B. Contatei os possíveis entrevistados e esclareci o objetivo da entrevista e o tipo de registro. Participaram do primeiro grupo três Surdos intérpretes e do segundo grupo, três Surdos e um ouvinte intérprete e usuário da LIBRAS;

- C. Solicitei a eles uma autorização de uso de imagem para fins acadêmicos;
- D. Gerei quatro questões para cada grupo de entrevistados. Registre-as em texto escrito e texto filmado (LIBRAS). As perguntas foram:

Aos participantes de congressos que testemunharam a atuação de intérpretes Surdos:

- 1- Numa palestra ministrada em sinais por um estrangeiro, você acha necessária a presença de um intérprete Surdo? Por quê?
- 2- Numa palestra ministrada oralmente, num primeiro momento há um intérprete ouvinte. Num segundo momento, de revezamento, há atuando um intérprete Surdo. O que você sente?
- 3- No momento que você se deparou a primeira vez com um intérprete Surdo, qual foi sua reação? Você já tinha informações sobre tal profissional?
- 4- Se você precisar conversar à parte com o palestrante estrangeiro, você tem a disposição dois intérpretes de Sinais Internacionais: Um Surdo e um ouvinte. Você vê diferença na atuação dos dois ou você tem preferência por um deles?

Aos participantes Surdos intérpretes de Sinais Internacionais e/ou ASL:

- 1- Como você aprendeu Sinais Internacionais?
- 2- Atuando como intérprete internacional, você avalia como fácil ou difícil? Por quê?
- 3- Interpretando da ASL - LIBRAS ou Interpretando com o espelho – ASL – ASL - ESPELHO, qual atuação você prefere?
- 4- O que você sentiu no início da sua atuação como intérprete internacional?

E. Enviei as questões virtualmente por e-mail e WhatsApp;

F. Recebi todas as respostas em vídeo. Posteriormente, foi realizada a tradução da LIBRAS para a Língua Portuguesa. Apenas as respostas às perguntas foram transcritas. Trechos de saudações, parabenização e outros não foram transcritos;

As entrevistas seguem nos apêndices deste trabalho.

G. Elaborei um quadro com trechos das entrevistas que me ajudou a visualizar de forma geral onde as respostas se assemelham e complementam o escopo teórico do estudo bem como minhas impressões empíricas.

4.1. Discussão aprofundada das diferentes situações

A fim de obter uma visão ampla do resultado das entrevistas, reuni nos dois quadros abaixo, pontos comuns às respostas dos entrevistados. Contudo, minhas análises percorrem todo o corpo das entrevistas. As mesmas estão nos apêndices.

4.1.1. Síntese das entrevistas

TABELA 1: Trechos das entrevistas com os intérpretes Surdos

Análise comparativa das entrevistas					
Questões	A Intérprete Surdo(a) de ASL e SI	B Intérprete Surdo(a) de ASL e SI	C Intérprete Surdo(a) de SI	D Intérprete Surdo(a) de ASL e SI	E Intérprete Surdo(a) de ASL e SI

Como aprendeu ASL/ SI	Aprendi ASL em curso e DVD ... interagindo com americanos que vinham ao Brasil ... fazendo contato em SI em viagens.	Aprendi em 1992... através de DVD de metodologia em ASL.. Fui até lá (E.U.A) aprimorar primeiro a ASL. ...aprendi os SI encontrando alguns Surdos europeus... nunca havia feito curso.	...fui buscando conhecer os sinais da SI me comunicando com estrangeiros. Depois, aperfeiçoei meu conhecimento em SI fazendo uma oficina de uma semana num curso ministrado aqui por um Surdo argentino.	...entre 15 e 16 anos, participei não como intérprete, das olimpíadas surdas com a comunidade na Alemanha. Fui observando tudo e adquirindo conhecimento.	...em 1995 quando fiz uma viagem a Áustria e conheci os SI. A partir daí fui aprendendo mais e mais. Não tive aulas de SI. Aprendi tudo naturalmente.
Interpretar é fácil ou difícil ?	Interpretar não é fácil. É difícil.	Traduzir e interpretar não é fácil. Interpretei naturalmente e me senti bem... não encontrei dificuldades...	Depende do palestrante, do assunto da palestra, da velocidade da sinalização do palestrante...	Fazer essa avaliação é muito difícil.	Bem... Depende. ... eu já interpretava para meus pais oralizando e também fazendo sinais caseiros. Então a interpretação já fazia parte de mim desde cedo.
Prefere atuar como Feed Back ou intérprete?	Eu prefiro <i>Feed Back</i>	... eu prefiro interpretar.	Eu prefiro fazer a interpretação da ASL > LIBRAS.	Depende.	Depende

TABELA 2: Trechos das entrevistas com os participantes dos congressos onde presenciaram a atuação do intérprete Surdo

Análise comparativa das entrevistas				
Questões e	F- Surdo(a)	G- Ouvinte Intérprete de LIBRAS	H- Surdo(a)	I- Surda(a)

comentários	Usuário(a) da LIBRAS		Usuário(a) da LIBRAS e ASL	Usuário(a) da LIBRAS
Você acha necessário a a presença de um intérprete e Surdo?	É necessária a presença do intérprete Surdo sim... Porque o Surdo tem propriedade para esclarecer com o uso dos classificadores, captando o que é dito e sinalizando.	... acho necessária sim... Aqui no Brasil ainda não temos intérpretes ouvintes formados para desenvolver este trabalho de interpretação de uma Língua de Sinais estrangeira.	Sim. A presença do intérprete Surdo é muito importante! Sendo Surdo, sua sinalização emite clareza aos seus pares. Ele compreende diversas questões intrínsecas do Surdo	...
Comentários sobre como deve ser esse profissional.	Mas, não digo que isso pode ser feito por qualquer Surdo, de qualquer maneira. Não! É preciso estudar... Se o Surdo tiver ciência e leitura da língua portuguesa, como também a visão necessária para realizar adaptações no raciocínio da tradução, ele pode fazer tudo isso.	Mas, não é algo que deva ser feito de qualquer maneira, só pelo fato de bater papo com amigos Surdos. ...no momento de interpretação é preciso vocabulário, esforço para apropriação de conhecimento da cultura e identidade para se utilizar das estratégias cabíveis à estrutura da Língua de Sinais. Conhecer sinais não basta.		Esse profissional precisa ser qualificado. Não é qualquer Surdo que saiba usar a língua e consiga se comunicar, que vai interpretar. Não.
Já tinha informações a respeito do intérprete e Surdo?	...já tinha visto em algum programa de televisão... Pensei: Como é possível?! ...é a primeira vez que tenho informações a respeito. ...Era de se causar estranheza. Contudo, achei legal!	...eu já tinha informações sobre alguns Surdos trabalhando com interpretação e tradução tanto em vídeos, em palestras, quanto em salas de aula lançando mão de várias estratégias.	Eu já sabia da existência de intérpretes Surdos sim, em outras partes do mundo, como na Gallaudet, WFD (World Federation of the Deaf) e em outros congressos europeus.	A primeira vez que vi um intérprete Surdo foi no Deaf Academics. Eu tinha informações sobre intérpretes Surdos formados, mas estranhei isso. Após ver pessoalmente, vi que tinham razão!

TABELA 2: Trechos das entrevistas com os participantes dos congressos onde presenciaram a atuação do intérprete Surdo

Análise comparativa das entrevistas

Questões e comentários	F- Surdo(a) Usuário(a) da LIBRAS	G- Ouvinte Intérprete de LIBRAS	H- Surdo(a) Usuário(a) da LIBRAS e ASL	I- Surda(a) Usuário(a) da LIBRAS
Comentários sobre quando vivenciou a atuação do intérprete Surdo	Eu vi que realmente sinalizava com fluência e destreza... Eu gostei e concluo que vale a pena.		...quando eu vi um intérprete Surdo num congresso aqui, foi algo novo e muito emocionante para mim. Porque era o primeiro intérprete de LIBRAS Surdo e brasileiro!	A palestra era ministrada em Gestuno ou SI e, um intérprete Surdo... fazia adaptações muito boas!
Comentários sobre uma interpretação o mais clara da parte do Surdo	...ele recebia o discurso em LIBRAS e retransmitia de forma mais clara! Vi firmeza		Ele modifica um discurso um tanto obscuro para um discurso mais compreensível.	...por motivos linguísticos espaço-visuais perfeitamente adequados aos Surdos.
Para mediar uma conversa com um Surdo estrangeiro, você prefere um intérprete Surdo ou ouvinte?	... eu prefiro um surdo.	Atualmente eu prefiro o Surdo... Não por serem Surdos... por me parecer que naturalmente tem mais experiência do que o ouvinte.	...eu prefiro chamar um intérprete Surdo. Porque ele está engajado nos mesmos empenhos Deaf World. Estamos entre iguais.	... De fato eu prefiro o intérprete Surdo! Porque ele conhece a cultura surda. E isso é o mais importante.
Por que prefere um intérprete Surdo?	Porque o Surdo tem a visão muito aguçada (olho caro!) para perceber a estrutura linguística rapidamente!	Se houver um grupo de Surdos que necessite de adaptações específicas, de Surdo pra Surdo, sua presença pode sim ser necessária.	Com o Surdo, essa interação é ligeira e tranquila porque ele conhece o âmago Surdo, tem ampla percepção visual, conhece a língua e o jeito de empregar as mãos.	Porque ele vai fazer as adaptações rapidamente de acordo com a cultura surda.
Comentários sobre o intérprete ouvinte.	Até poderia ser com um intérprete ouvinte sim. Mas eu sinto leves falhas na interpretação.	Aqui no Brasil ainda não temos intérpretes ouvintes formados para desenvolver este trabalho de interpretação de uma Língua de Sinais estrangeira... ...se tratando de LIBRAS/PORTUGUÊS, acredito que intérpretes ouvintes façam bem a interpretação simultânea	Se um intérprete ouvinte fizer essa mediação, haverá desentendimentos. Então, vou ter que voltar e falar de novo! Perde-se tempo.	É possível também para o intérprete ouvinte, mas, há a questão da “Alma Surda”!

As entrevistas perfazem uma gama de aspectos relativos à necessidade de formação do profissional intérprete Surdo. Interessante notar que todos os entrevistados declararam preferir um intérprete Surdo para mediar uma conversa com um estrangeiro Surdo. Apenas um entrevistado, o intérprete ouvinte, declarou que se houvesse atualmente intérpretes ouvintes no mesmo patamar de conforto na Língua de Sinais estrangeiras que os intérpretes Surdos, ele não teria preferência. Dos seis entrevistados, cinco declararam que o exercício da interpretação não deve ser feito de qualquer maneira, por qualquer Surdo. O fato de ser Surdo e saber ASL ou SI não faz dele um intérprete. Os dois intérpretes Surdos entrevistados concordaram que interpretar não é uma tarefa fácil. Tais declarações complementam as afirmações registradas aqui a respeito da necessidade de formação qualificada para tal função e que esta formação se complementa com experiências internacionais. As declarações me conduziram a concluir que o fato do Surdo confiar no Surdo não é motivo para não esperar desse seu par um desempenho profissional de qualidade.

O prosseguimento nas análises das entrevistas demonstrou que alguns entrevistados não obtiveram anteriormente, informações a respeito do intérprete Surdo aqui no Brasil. Diante destas análises, concluo ser este um momento propício para demonstrar à comunidade Surda mais esse campo de atuação profissional perfeitamente possível ao Surdo, junto ao intérprete ouvinte.

Quanto à atuação do intérprete Surdo, as entrevistas ofereceram-me uma visão subjetiva quanto à preferência no tipo de atuação. Alguns preferem “espelhar” (interpretação intralingual) e outros preferem fazer a interpretação interlingual. O que sustenta a igualdade de importância e de responsabilidade de ambas as opções descritas no contexto deste trabalho. Também ofereceram-me um olhar para os espinhos encontrados no caminho. Os erros e falhas fazem parte de qualquer profissão, e ter coragem para receber críticas e superar as falhas deve compor o perfil deste profissional.

São marcantes as justificativas dos entrevistados para a preferência pelo intérprete Surdo ao intérprete ouvinte. Surgiram argumentos favoráveis ao Surdo como: O “jeito” Surdo, e a “Alma Surda”. Creio que Benjamim (1980) elucida o motivo de tais argumentos: “...o que é essencial de uma cultura não é o enunciado que se comunica, mas aquilo que excede a comunicação.” (BENJAMIM, 1980 apud CAMPELLO, 2014, p. 150).

Numa atuação de interpretação da língua oral para a língua espaço visual, o intérprete ouvinte passa pelo processo de: captar o discurso > compreendê-lo > fazer a adaptação mental > sinalizar. Em questão de segundos, ele precisa se deslocar de uma cultura à outra constantemente. Ainda que se esmere em fazê-lo, e muitos o fazem muito bem, é algo que demanda esforço. Trata-se de uma interação entre pessoas cujos traços históricos diferem e cujas vivências foram e são distintas com relação à formação de suas identidades.

O intérprete Surdo não passa pelo processo de fazer a transição da língua oral para a de sinais. Capta o que está sendo sinalizado rapidamente e o transmite sem grandes esforços. Estão intrínsecas no intérprete Surdo sua Identidade e Cultura Surda. Isso é um facilitador para a transmissão da interpretação para um público que é seu par. Trata-se de uma interpretação de Surdo para Surdo. Uma ação de personagens históricos sociais que vivenciaram e vivenciam as mesmas situações concernentes à formação de sua Identidade. Dessa forma, a interpretação ganha vida.

A realidade de aquisição de primeira língua do Surdo se dá de maneira distinta à aquisição de primeira língua do sujeito ouvinte, devido a fatores sociais que necessitam de melhores ações estruturadoras. Mais de 90% dos Surdos têm pais ouvintes e crescem sem acesso linguístico favorável à sua aquisição de linguagem. Muitos aprendem sua língua tardiamente. Essa aquisição tem ocorrido em diversas fases. Há Surdos que aprenderam a Língua de Sinais aos 7, 9, 10, 19 anos de idade ou até mais! Tal fato explica a existência de Surdos adultos com baixa fluência na sua própria língua.

Outra especificidade que reforça a atuação do intérprete Surdo é que o mesmo vai saber transitar por vários níveis linguísticos de seus receptores. Naturalmente, na maioria dos casos, é mais ágil um Surdo entender outro Surdo do que um Surdo entender um ouvinte.

As entrevistas me permitem concluir que, do ponto de vista dos participantes de congressos que testemunharam a atuação do intérprete Surdo, a necessidade deste profissional está justificada.

4.2. Implicações

O trabalho de intérprete é amplamente voltado para o profissional não Surdo. Ainda que fosse voltado também para o intérprete Surdo, se considerarmos o que temos atualmente em nível de formação desse profissional, ele é pensado inicialmente para o contexto das séries iniciais. Há pouca sistematização de conhecimento na formação deste profissional para o nível superior. É uma necessidade emergente, pois, a cada dia se conquistam mais áreas para atuação profissional do Surdo.

Por se tratar de um recente campo de atuação profissional para o Surdo, há pouca informação a respeito e, por conseguinte, há falta de reconhecimento da importância desse sujeito (intérprete Surdo) em seu próprio contexto. Durante décadas os Surdos presenciaram interpretações e traduções feitas apenas por intérpretes ouvintes, implicando compreensivelmente, nos dias atuais, o predomínio do pensamento de que tal trabalho não pudesse ser realizado por um Surdo.

A falta de conhecimentos sistematizados para a formação desse profissional especificamente. O contexto da profissão é muito recente. Há falta de estudos bibliográficos na área.

Há escassez de registro escrito na Língua de Sinais para auxiliar na transposição do pensamento Surdo a partir de uma escrita Surda e não a partir de uma escrita da língua portuguesa gerando assim o português sinalizado.

4.3. Legislação

No Rio de Janeiro, a Lei 4324/06 | Lei Nº 4324 de 27 de abril de 2006 do Rio de Janeiro autoriza o poder executivo a criar no seu quadro de funcionários o cargo de tradutor de linguagem gestual (Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS).

Nacionalmente, a Lei nº 12.319 de 01 de Setembro de 2010, regulamenta o exercício da profissão do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais. Tal lei prevê a formação necessária do profissional, bem como a competência para traduzir da LIBRAS para o Português e do Português para LIBRAS, além de definir as atribuições e valores éticos em relação ao exercício profissional.

Entretanto, como tudo no início precisa de ações objetivando aprimoramento, na formação do intérprete de LIBRAS, não é diferente. Ainda há muito a ser feito.

Quero destacar aqui que tais políticas surgiram a partir do olhar para o intérprete ouvinte.

4.4. Formação profissional

Sob o aspecto legal, a formação do intérprete de LIBRAS pode acontecer em nível superior e médio, de acordo com o capítulo V, artigo 17, do Decreto nº 5.626/2005, encontra-se regulamentado que a formação do Intérprete deve acontecer em nível superior por meio de curso de tradução e interpretação, com habilitação em Libras – Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005). Já o art. 18 determina que formação do Intérprete poderá acontecer em nível médio, e deve ser cumprida até dez anos após a publicação do Decreto, por meio de cursos de educação profissional, cursos de extensão universitária ou cursos de formação continuada, Acrescentando-se a esta formação a obtenção de certificação de Proficiência em LIBRAS, fornecido pelo Prolibras. Tanto a Lei 12.319/2010, como o Decreto 5.626/2005, especifica que a formação do Intérprete pode ocorrer em organizações civis representativas da Comunidade Surda, desde que o certificado seja convalidado por instituições superior ou instituições credenciadas por secretarias de educação.

Faz-se necessário apresentar uma crítica quanto ao sistema de certificação de interpretação e tradução de LIBRAS/Português vigente. As provas aplicadas atualmente pelo Prolibras não contemplam a comprovação de uma proficiência satisfatória para o exercício da Tradução/Interpretação da LIBRAS/Português. Isso tem gerado implicações prejudiciais ao Surdo, principalmente na área educacional, área de maior demanda de intérpretes.

Afirmo ser necessária uma avaliação após a formação acadêmica, semelhante à prova da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), que permite a atuação profissional legal somente após aprovação na mesma. Teríamos então a teoria aliada à prática comprovada.

Um exemplo de total falta de monitoramento e avaliação de exercício da profissão é o intérprete que atuou na cerimônia fúnebre do Nelson Mandela em dezembro de 2014 na África do Sul.



Figura: 33: Suposto intérprete da cerimônia fúnebre de Mandela em dezembro de 2013.
Fonte: www.jn.pt/Dossies/dossie.aspx?content_id=3583708&dossier=Especial%20Nelson%20Mandela

Quanto à graduação existente para o curso de Tradução/Interpretação em Letras/LIBRAS oferecido pela UFRJ, todo o curso é voltado para a formação do Tradutor/Intérprete ouvinte e/ou do Professor de LIBRAS Surdo. Por não abordar as especificidades do trabalho do intérprete Surdo, o bacharelado em interpretação e tradução é oferecido apenas aos ouvintes.

Há uma característica necessária que transcende os muros das universidades e locais da formação formal: a imersão em outras culturas (países).

4.4.1. Certificação

Há uma certificação para intérprete Surdo que está disponível desde 1998, nos Estados Unidos, emitida pela Secretaria de Intérpretes para Surdos. Ao ser certificado, reconhece-se a qualificação e competência linguística e cultural para os serviços de interpretação profissional.

O *Register of Interpreters for the Deaf* (RID), é um órgão de registro, certificação e supervisão da atuação dos ILS estadunidenses.

No Brasil essa certificação ainda é muito embrionária e apresenta carências significativas implicando também na certificação de profissionais com baixa fluência na LIBRAS.

Nesse sentido, Pereira (2008, p. 144) aponta que “ainda não existe uma entidade de classe nacional que certifique ou valide um plano de carreira”, e descreve a seguinte classificação nacional:

- naturais ou empíricos: pessoas bilíngues em Português e Libras que “atuam” como intérpretes, porém sem nenhuma instrução formal para a profissão;
- validados: pessoas que atuam como intérpretes naturais e recebem, por meio da aprovação em um teste, um certificado provisório (validação) para trabalharem como ILS ou
- certificados: aqueles que cursaram algum tipo de formação mais elaborada, normalmente, promovida em parceria com a Feneis. (PEREIRA, 2008, p. 144).

Atualmente, o INES, em parceria com a UFSC, é responsável pelo Exame Nacional para Certificação de Proficiência no Ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e para a Certificação de Proficiência na Tradução e Interpretação da LIBRAS/Língua Portuguesa, nos termos do Decreto 5.626, de 22/12/2005.

Ainda que haja tais classificações e certificações, ressalto a carência quanto à especificidade do profissional intérprete Surdo. Sabendo que esse profissional vem ganhando espaço no mercado nacional de interpretação há pouco tempo, as lacunas na sua certificação (e formação) são compreensíveis. Entretanto, o preenchimento das mesmas se faz necessário.

4.5. Ética

Um código de conduta profissional é um elemento necessário para qualquer profissão, a fim de manter os padrões ideais para os indivíduos que desejam atuar ali. Tal código engloba questões como a prestação de contas, responsabilidade e confiança para as pessoas as quais os serviços serão prestados.

Em 2004, QUADROS publicou "O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa", tal publicação fez parte do Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. Nele, consta um código de ética de conduta profissional.

Há ainda um Código de Ética do Intérprete que foi aprovado no 1º Encontro Nacional de Intérpretes, realizado em 5 e 6 de novembro de 1992, na cidade do Rio de Janeiro (Em anexo).

Dentre várias posturas éticas que o intérprete (Surdo e ouvinte) deve adotar, destaco a importância de considerar a área de atuação pretendida. Se o conteúdo da interpretação for desconhecido pelo intérprete, cabe a ele a ética para a recusa do trabalho com o intuito de não prejudicar a interpretação.

Considerando o recente contexto de mudanças de paradigmas e ajustes e carência de estudos e produções para a formação do profissional intérprete, faz-se necessário a revisão e a complementação do código de ética atual.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi com muito respeito aos colegas intérpretes ouvintes, e principalmente aos Surdos, que conduzi esta pesquisa, desejando contribuir para o exercício em conjunto, de uma interpretação de qualidade, visando cooperar com a qualidade no serviço de interpretação e tradução para a Comunidade Surda.

Através deste estudo, percebemos o valor da inserção do profissional Surdo na equipe de interpretação de línguas espaço-visuais. Dados das entrevistas atestaram impressões pessoais obtidas no exercício da função como intérprete Surdo.

Tanto o intérprete ouvinte quanto o intérprete Surdo têm valor na mesma medida. O Surdo apresenta uma LIBRAS mais esclarecedora com o uso dos classificadores e nas ações verbais. Por exemplo: É plenamente possível “pegar” essa sinalização do ouvinte e fazer adaptações que trazem melhor entendimento. (Depoimento do entrevistado F – testemunha da atuação de intérpretes Surdos – Entrevista completa no apêndice II)

Num momento onde há carência de conhecimentos sistematizados para sua formação, certificação, atualização e atuação, fazem-se necessários alguns elementos fundamentais como uma complementação no código de ética e uma revisão cuidadosa sobre a formação destes.

A pesquisa revelou falhas reais nos contextos interpretativos causando “ruídos” e “interferências” nas transmissões das mensagens traduzidas e/ou interpretadas. “... um intérprete ouvinte sabe sim fazer a tradução e interpretação. Mas, a sinalização vem um tanto obscura.” (Depoimento do entrevistado F – Surdo testemunha da atuação de intérpretes Surdos).

Também foi possível observar a relevância e as contribuições experimentadas pela Comunidade Surda, quanto à presença do intérprete Surdo nos contextos em questão.

" fiquei admirado e com água na boca, pois aqui no Brasil ainda não tinha. E quando eu vi um intérprete surdo num congresso aqui, foi algo novo e muito emocionante para mim. Porque era o primeiro intérprete de LIBRAS surdo e brasileiro! Foi confortável!" (Depoimento do entrevistado H – Surdo testemunha da atuação de intérpretes Surdos – Entrevista completa no apêndice II).

“A palestra era ministrada em Gestuno ou SI e, um intérprete Surdo de frente para o palestrante interpretava, outro intérprete também Surdo, ao lado do palestrante, recebia a interpretação e fazia adaptações muito boas! Foi muito legal! Me senti bem! Parecia conseguir acompanhar. Consegui entender tudo muito bem contextualizado!” (Depoimento do entrevistado I – Surdo testemunha da atuação de intérpretes Surdos – Entrevista completa no apêndice II).

A pesquisa foi também conduzida com a expectativa de quem desbrava um novo território, não sozinho, mas juntamente com os primeiros desbravadores da profissão, esperando contribuir para consolidar bases firmes na construção de mais esta possibilidade profissional para o Surdo e para o aperfeiçoamento no serviço da tradução/interpretação de Línguas de Sinais.

Na tentativa de responder a questões introdutórias, as análises das entrevistas, as pesquisas realizadas para a elaboração deste trabalho bem como minhas análises pessoais baseadas em minhas vivências enquanto intérprete Surdo permite-me afirmar que este profissional não surge para disputar poder com o intérprete ouvinte. Tão pouco implica em ameaça profissional. Pelo contrário, surge para integrar a equipe e realizar um trabalho em conjunto: Surdos e ouvintes. O objetivo é comum a ambos os profissionais: Contribuir com um serviço de interpretação/tradução de qualidade à Comunidade Surda. “O Ricardo interpretou consecutivamente, realizando as adaptações. E por que isso foi possível? Foi o que

eu disse antes sobre Surdos e ouvintes trabalhando juntos...” (Depoimento do entrevistado G – Ouvinte e intérprete de LIBRAS testemunha da atuação de intérpretes Surdos – Entrevista completa no apêndice II).

A inserção do profissional em questão também não é um capricho da Comunidade Surda. Seu surgimento justifica-se a partir das necessidades reais apresentadas no corpo deste registro.

Este trabalho é um gesto consciente e comprometido com a transformação das práticas atuais. Meu empenho será (e tem sido) para substituir indagações feitas constantemente pelos Surdos, como: **“O quê? Não entendi! Será que é isso?”** pelas exclamações: **“Ah! Entendi! É isso mesmo!”**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, N. S. et al, **Guia-intérprete de LIBRAS: Formação e atuação deste profissional na cidade de fortaleza**, UFSC, 2012.

BRASIL, Decreto 5.625 de 22 de dezembro de 2005. Brasília, 2005.

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Brasília, 2002.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, Brasília, 2010.

BRITO, L. F. **A Língua Brasileira de Sinais/Estrutura linguística da LIBRAS**, Série Atualidades Pedagógicas, UFRJ, s/d, p. 5-26. Disponível em http://www.artelibras.com.br/ewadmin/download/Gramatica_da_Libras.pdf. Acesso em 24 de maio de 2015.

CAMPELLO, A. R. **Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução / interpretação cultural e seu desafio**. Cadernos de Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, SC, v. 1, n. 33, p.143-167, 2014.

COLEÇÃO LETRAS LIBRAS. Introdução aos estudos surdos. UFSC. Disponível em:

<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/introducaoAosEstudosDeTraducao/scos/cap30807/1.html>. Acesso em 26/05/2015.

DEAF INTERPRETER INSTITUTE. Disponível em: <http://www.diinstitute.org/what-is-the-deaf-interpreter/>. Acesso em 22 de abril de 2015.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS-FENEIS. Disponível em: <http://www.feneismg.org.br/doc/RIO%20DE%20JANEIRO%20LEIS%20LIBRAS.pdf>. Acesso em 16 de abril de 2015.

GESUELI, Z. M. **Lingua(gem) e identidade:** a surdez em questão. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 277-292, jan./abr. 2006.

JANZEN, T. **Topics in Signed Language Interpreting.** Theory e practice, Universidade de Manitoba, Amsterdam, Philadelphia, v. 63, 2005.

JONES, T. R. **International Sign Language:** Gestuno. Disponível em: <http://lifeprint.com/asl101/pages-layout/gestuno.htm>. Acesso em 16 de abril de 2015.

LACERDA, C. B. F. **O de.Intérprete de Libras:** Em atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. 5 ed. Porto Alegre, Mediação 2013.

PAZ, O. **Traducción:** literatura y literalidad. Barcelona, Tusquets, 1971.

PEREIRA, M. C. P. **Interpretação interlíngua:** as especificidades da interpretação de língua de sinais. Rede Metodista de Educação do Sul. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, RS, v. 1, n. 21, p. 135-156, 2008.

PERLIN, G. **Histórias de vida surda:** Identidades em questão. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1998.

PROLIBRAS. Disponível em: <http://www.prolibras.ufsc.br/>. Acesso em 23 de abril de 2015.

QUADROS, R. M. **Aquisição da linguagem por crianças surdas.** Série Atualidades Pedagógicas 4.3, PUC, RS, p. 27-36, 1997. Disponível em www.surdo.org.br. Acesso em 24 de maio de 2015.

QUADROS, R. M. **O tradutor intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Brasília, DF: MEC, 2004.

QUADROS, R. M. de & VASCONCELLOS, M. L. **Questões teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais.** Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2008.

REILY, L. H.; SOFIATO, C.G. **“Companheiros de infortúnio”:** a educação de “surdos-mudos” e o repetidor Flausino da Gama, Revista Brasileira de Educação, SCIELO, v.

16 n. 48, set.-dez. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n48/v16n48a06.pdf>. Acesso em 21 de abril de 2015.

ROMÃO, T. L. C. **Aspectos históricos e práticos de interpretação**. Revista de Letras, v. 1/2, n° 48, jan/dez, 1998.

SEGALA, R. R. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para língua Brasileira de Sinais**, Trindade, Florianópolis, SC, UFSC, 2010.

SILVA, D. C. da S. **Importância da formação profissional do intérprete de libras de acordo com a legislação vigente**, 2012, 47 f. Dissertação (Latu Sensu em LIBRAS) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 06 de agosto de 2012.

SOUZA, L. C. da S. **A atuação do tradutor e intérprete de LIBRAS/Português em situação dialogal**: Uma proposta de representação esquemática da situação de interpretação. In: ASSOCIAÇÃO DE LINGUÍSTICA APLICADA DO BRASIL / 10º CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA, Anais eletrônicos, Rio de Janeiro, UFRJ, s/d.

SOUZA, L. C. da S. **Análise da interpretação da língua brasileira de sinais em cenários bilíngues**: aspectos que influenciam a tradução. Artigo de conclusão do curso de Pós-Graduação em Língua Brasileira de Sinais, Maringá, Paraná, Faculdade Eficaz, s/d.

STROBEL, K. L. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História**. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

REGISTRY OF THE INTERPRETERS FOR THE DEAF, INC. Certified Deaf Interpreter (CDI). Disponível em: <http://www.rid.org/rid-certification-overview/cdi-certification/>. Acesso em 16 de abril de 2015.

WORLD ASSOCIATION OF SIGN LANGUAGE INTERPRETERS. Deaf interpreters. Disponível em: <http://wasli.org/special-interest/deaf-interpreters>. Acesso em 16 de abril de 2015.

APÊNDICE I

Roteiro para entrevista com intérpretes Surdos de Sinais Internacionais e/ou ASL

- 1- Como você aprendeu Sinais Internacionais?
- 2- Atuando como intérprete internacional, você avalia como fácil ou difícil? Por quê?
- 3- Interpretando da ASL - LIBRAS ou Interpretando com o espelho – ASL – ASL - ESPELHO, qual atuação você prefere?
- 4- O que você sentiu no início da sua atuação como intérprete internacional?

Primeiro(a) entrevistado(a): A

Intérprete Surdo(a)

1- Como você aprendeu Sinais Internacionais?

Aprendi ASL aos 17 anos, inicialmente em curso e DVD. Também interagindo com americanos que vinham ao Brasil.

SI eu comecei a aprender aqui em SC, na UFSC me relacionando com pessoas. Também fazendo contato em SI em viagens.

2- **Atuando como intérprete internacional, você avalia como fácil ou difícil?**

Por quê?

Interpretar não é fácil. É difícil.

3- **Interpretando da ASL - LIBRAS ou Interpretando com o espelho – ASL – ASL - ESPELHO, qual atuação você prefere?**

Eu prefiro Feed Back. Quando eu me acostumar bem, futuramente farei as adaptações na interpretação.

4- **O que você sentiu no início da sua atuação como intérprete internacional?**

É um exercício que requer muita responsabilidade. Trata-se de um exercício cognitivo de escolhas e adaptações constantes que deve ser executado de maneira responsável a fim de entregar a informação para o público alvo.

Segundo(a) entrevistado(a): B

Intérprete Surdo(a).

1- **Como você aprendeu ASL?**

Aprendi em 1992 na turma do Sérgio, Surdo, na UFRJ. Ele me mostrou um DVD de metodologia em ASL. Fiquei boquiaberto quando vi! Não entendi nada! Mas, fui aprendendo e buscando cada vez mais através de DVD. Em 1993 estive num Congresso das Américas.

Havia muita gente lá. Alguns Surdos americanos me viram usar a ASL e gostaram! Eu me senti bem! Fui até lá (E.U.A) aprimorar primeiro a ASL. Então aprendi e me habituei.

Depois aprendi SI encontrando alguns Surdos europeus. Achei os SI muito parecidos com a ASL. Quase iguais! Também nunca havia feito curso. Fui aprendendo a partir do contato com falantes desta língua.

2- Atuando como intérprete internacional, você avalia como fácil ou difícil? Por quê?

A primeira vez atuei como intérprete num congresso aqui no Brasil, na região sul. Fui ousado. Não tinha feito nenhum curso e, tomei coragem e fui interpretar. Eu já sabia por causa dos contatos com os americanos. Foi na UFSC em Florianópolis. Interpretei naturalmente e me senti bem. Fui interpretando confiantemente e não encontrei dificuldades.

Juan, da WASLI me viu, veio até mim, e eu nem fiquei pensando no quanto ele era famoso, o cumprimentei e fui interpretando. Percebi a expressão no rosto dele e perguntei o porquê de sua reação. Então ele me explicou a necessidade de eu me manter neutro como profissional da interpretação. Aí eu descobri que não era fácil. Eu precisava estudar e fazer curso para me desenvolver. Eu ainda não tinha feito curso. Seria importante tê-lo feito antes. Mas, acredito que não tinha. Atuei ali para ajudar.

Traduzir e interpretar não são tarefas fáceis. Pois, o profissional precisa saber permanecer neutro. Não pode manifestar opinião. Não é fácil manter a neutralidade na hora da tradução. Além disso, a soletração em ASL é muito difícil por causa do inglês. Eu me atrapalho. Eu descobri que não é fácil. Se estudar e pesquisar, tudo se torna mais fácil e possível. Não é impossível. O que atrapalha é a falta de estudo. Se isso for sanado, a dificuldade desaparece.

3- Interpretando da ASL - LIBRAS ou Interpretando com o espelho – ASL – ASL - ESPELHO, qual atuação você prefere?

Antes mesmo de eu estudar, me sentia bem fazendo a interpretação consecutiva. Depois, um Surdo me disse que estava incomodado em ter que olhar para o locutor e depois para mim, de novo para o locutor, e depois para mim. Disse que não aguentava isso. Então me

desculpei e pensei sobre essa problemática. As estudantes Ana Regina e Flávia sugeriram que eu reproduzisse a sinalização. Então, tentei atuar dessa maneira e não me senti seguro. Reproduzindo o que era dito, começou a me dar insatisfação. Então, eu prefiro interpretar. “Espelhar” é bom, porém, me falta costume. Se eu me aprofundar como intérprete espelho, vou me habituar. A americana Mj. Bievenu, Jun, desempenha essa função de intérprete espelho muito bem! Faz seu trabalho com excelência! Ela se aprofundou, estudou a respeito. Eu não. Só aprendi empiricamente, observando.

4- O que você sentiu no início da sua atuação como intérprete internacional?

Parece que já respondi essa questão anteriormente. Ok? Parece que já está respondida.

Terceiro(a) entrevistado(a): C

Intérprete Surdo(a)

1- Como você aprendeu ASL?

De forma natural. Inicialmente fui buscando conhecer os sinais da SI me comunicando com estrangeiros. Depois, aperfeiçoei meu conhecimento em SI fazendo uma oficina de uma semana num curso ministrado aqui por um Surdo argentino.

Tenho conhecimento básico da Língua de Sinais Francesa. Através do convívio com os franceses, fui me apropriando da língua deles naturalmente.

2- Atuando como intérprete internacional, você avalia como fácil ou difícil?

Por quê?

Depende do palestrante, do assunto da palestra, da velocidade da sinalização do palestrante, se ele sinaliza muito rápido exigindo de mim agilidade ou se sinaliza mais pausadamente possibilitando uma interpretação mais suave. Por isso avalio como um misto do fácil e do difícil. Vai depender dessas situações.

3- Interpretando da ASL - LIBRAS ou Interpretando com o espelho – ASL – ASL - ESPELHO, qual atuação você prefere?

Eu prefiro fazer a interpretação da ASL > LIBRAS. Para mim é melhor.

4- O que você sentiu no início da sua atuação como intérprete internacional?

Minha primeira atuação foi na universidade em Brasília. Eles recebiam um Surdo francês, doutor, e a organização estava aflita pela necessidade de alguém para interpretá-lo. Então, inicialmente fomos dois surdos interpretá-lo. Não tinha experiência e pensei: “Vamos ver”. Misturei um pouco as duas línguas: LSF e SI e acabei me confundindo. Precisei pedir para o palestrante fazer pausas e fiz uma interpretação consecutiva. O intérprete “*Feed Back*” também teve um pouco de dificuldade misturando as línguas. Não foi fácil!

Minha segunda atuação como intérprete foi no II Encontro Latino-americano de Tradutores – Intérpretes e Guia intérpretes de Língua de Sinais. No primeiro dia da programação fiz um exercício cognitivo muito intenso para realizar a interpretação. Nos dias

seguintes, as adaptações foram fluindo com mais conforto. Depois, parecia que minha dificuldade tinha acabado, pois consegui absorver a dinâmica ali e interpretar os SI.

Nesse contexto falta união da parte de cada indivíduo Surdo envolvido nesse trabalho. É importante primeiramente ter acesso ao texto escrito, estudá-lo e compreendê-lo. Dessa forma, a interpretação fluirá mais facilmente. Se o tema for informado em cima da hora, sem conhecimento prévio do conteúdo, a interpretação vai demandar muito mais trabalho! Será preciso um empregar esforço cognitivo duas vezes maior! Agora, se houver o conhecimento prévio do tema, o trabalho de interpretação acarretará um exercício cognitivo mais leve. No trabalho entre os profissionais intérpretes Surdo e o “*Feed Back*” deve haver parceria. Eles devem estudar juntos o tema e estabelecer acordos que garantam um bom desempenho desses intérpretes de SI. São ações importantes que envolvem esse profissional intérprete de SI.

Quarto entrevistado(a): D

Intérprete Surdo(a)

1- Como você aprendeu Sinais Internacionais?

Inicialmente, quando eu tinha entre 15 e 16 anos, participei não como intérprete, das olimpíadas surdas com a comunidade na Alemanha. Fui observando tudo e adquirindo conhecimento. Depois passei a viajar e a conhecer surdos de outras partes do mundo. Dessa forma, fui aprendendo como os fazer as adaptações entre as línguas.

Em 2001, a comunidade surda de Washington, nos Estados Unidos me chamou para trabalhar como intérprete de ASL no World Deaf. Mas, as pessoas me disseram que eu podia interpretar em SI ao invés de ASL. Então, diante da aprovação do público, me chamaram para trabalhar outras vezes. Assim, prossegui meu trabalho de interpretação em SI em outros países do globo. Por exemplo, em 2003 no WFD em Montreal, no Canadá, em 2007 na Espanha (WFD) até o ano de 2011, na WASLI (World Association of Sign Language Interpreters) e também WFD. Agora trabalharei na Turquia pela WFD e pela WASLI.

Dessa forma, cresci buscando mais conhecimento e estudei na universidade a teoria na área da educação. Li muitas teorias a respeito do processo de tradução e adaptação feitas pelos intérpretes ouvintes de língua de sinais. Posteriormente, estudei como seria o mesmo processo de adaptação para SI feito por um intérprete surdo. Recebi textos em ASL para fazer adaptações culturais para a própria ASL. Depois, no Japão, realizei interpretações em ASL traduzi para o JSL (Língua de sinais japonesa) e vice e versa.

Mais tarde, em BSL (Língua de sinais britânica), faz a traduções de ASL para BSL e vice e versa para um contexto infantil. Sendo assim, me apropriei dessas três línguas além dos SI.

Em Portugal, não falo do Brasil não, digo em Portugal, estudei profundamente as teorias de interpretação realizadas por intérpretes ouvintes e suas técnicas do processo de compreensão até a interpretação. O objeto de estudo foi exatamente o intérprete ouvinte. Também estudei como fazer análises dos receptores da interpretação. Observei três situações

possíveis: Quando toda a plateia entende a interpretação, quando ninguém a entende e quando apenas um ou dois não entenderam, mas a maioria entendeu. Então... tudo bem.

O mais importante é buscar aprender continuamente e não se acomodar.

2- Atuando como intérprete internacional, você avalia como fácil ou difícil?

Fazer essa avaliação é muito difícil. Não temos critérios oficializados que nos sirvam de referência para julgar certas ações interpretativas dos intérpretes surdos como adequadas, aceitáveis ou inadequadas. Os intérpretes ouvintes que já atuam há vinte e três anos também não têm. Somente agora esses critérios foram oficializados. Dessa forma, eles são avaliados a partir desses critérios. Porém, para a língua SI ainda não há critérios de avaliação de intérpretes. Mas, profissionais de SI da WASLI e da WFD estão se reunindo e discutindo a aprovação desses critérios que serão divulgados agora em 2015 e servirão como referência para reprovação ou aprovação dos intérpretes bem como seu ingresso na profissão. Mas eu mesmo avalio candidatos e digo se o candidato está aprovado ou se ainda necessita de mais prática. Por exemplo, eu leciono SI em N.Y, na ONU e em diversas cidades dos E.U.A. Também estive no Japão para ensinar SI e há pouco tempo estive no Brasil, em Portugal, Inglaterra, Escócia e em alguns lugares da África do Sul. Continuo ensinando SI, mas, ensino para intérpretes já com um pouco de experiência.

Então, é difícil sim. Mas, daqui pra frente o número de avaliadores vai aumentar e vai ficar mais fácil.

3- Interpretando ASL – LIBRAS ou interpretando ASL-ASL_ESPELHO, qual atuação você prefere?

Depende. Se tiver um intérprete de SI, eu farei a interpretação espelho em ASL. Se houver um intérprete interpretando em ASL e o público for composto por sinalizantes de diversas línguas, eu faço a interpretação em SI. Mas, se não tiver intérprete de ASL, nem de SI, digamos que tenha um intérprete de língua de sinais alemã, aí fica impossível. Eu pediria para o mesmo sinalizar mais gestualmente (gestos) e assim eu faria a interpretação para SI explorando mais a comunicação gestual. Ou, eu perguntaria se ele teria um intérprete que passasse da língua de sinais alemã para uma comunicação gestual. Dessa forma, faria a

interpretação para SI. Essa comunicação gestual poderia vir de maneira direta ou indireta, através de um intérprete. Tanto faz. Contudo, eu pediria gentilmente para que ele sinalizasse mais gestualmente e assim buscaria compreender esses gestos explorando-os e faria a interpretação para SI.

Eu gosto mesmo que as pessoas utilizem sua própria língua de sinais e não coagir que elas mudem sua sinalização. Se elas souberem SI, também pode ser. Ela pode sinalizar em sua língua natural ou, preferencialmente, em SI, se ela souber. Qualquer uma dessas duas línguas.

Se o público for americano, eu faço a interpretação para ASL. Depende o evento for internacional, eu farei a interpretação em SI.

4- O que você sentiu no início da sua atuação como intérprete internacional?

Eu não estava ansioso para interpretar. Mas, as pessoas me olharam e me chamaram para fazê-lo. Pensando no assunto, não me afobei. Mas, mantive o bom senso de esperar que os outros me avaliassem e me dessem o aval. Eles me conheciam e sabiam da minha formação universitária e da minha atuação de 22 anos ensinando intérpretes ouvintes e 10 anos ensinando intérpretes surdos. Também sabiam da minha observação da comunidade surda, das coisas intrínsecas do surdo, do modo de pensar dos intérpretes e seus trabalhos de adaptação e do meu conhecimento na tradução entre duas línguas.

Atualmente a frequência do trabalho com SI está aumentando. Eu gostaria de trabalhar mais com SI em contextos internacionais. Atualmente tenho viajado mais a trabalho. Por exemplo, hoje estou aqui trabalhando nos E.U.A, depois vou para casa e amanhã de manhã vou pra N.Y. trabalhar com SI por uma semana na ONU. Atualmente, meu trabalho na ONU tem sido constante. Dependendo da demanda do trabalho na ONU, meu trabalho na universidade vai diminuir. E eu estou ansioso por esse trabalho internacional. Se a WFD me chamar para trabalhar com SI por uma semana ou a universidade em N. Y. me pedir para lecionar interpretação de SI, também ficarei ansioso por isso. Mas, não foco 100% do meu trabalho em SI. Depende. Sou bem flexível tanto no trabalho dando aulas, multiplicando informações, quanto com interpretação em SI. Eu quero trabalhar diversificadamente e não apenas com uma única opção.

Quinto(a) entrevistado(a): E

Intérprete Surdo(a)

1- Como você aprendeu Sinais Internacionais?

Aprendi há muitos anos atrás. Mais precisamente em 1995 quando fiz uma viagem à Áustria e conheci os SI. A partir daí fui aprendendo mais e mais. Não tive aulas de SI. Aprendi tudo naturalmente.

2- Atuando como intérprete internacional, você avalia como fácil ou difícil?

Bem... Depende. Mas, há tempos atrás eu interpretei pela primeira vez em 2003. Antes, em 2002 eu não trabalhei como intérprete propriamente dito. Fiquei dando apenas um apoio. Então me disseram que eu interpretaria bem. Pensei: “É? Eu?!” Então, fui percebendo que minhas primeiras interpretações não foram em 2002 não! Não estava atuando sem conhecimento de nada. Muito antes de 1990 e 1991 eu já interpretava para meus pais oralizando e também fazendo sinais caseiros. Então a interpretação já fazia parte de mim desde cedo.

3- Interpretando ASL – LIBRAS ou interpretando ASL-ASL_ESPELHO, qual atuação você prefere?

Depende. Em ASL ou SI. Já estive no Brasil interpretando em ASL Mas, não fiz interpretação espelho. Eu mesmo faço a adaptação e interpretação. Leio previamente o conteúdo a ser interpretado ou o tema da palestra já faz parte do meu conhecimento.

4- O que você sentiu no início da sua atuação como intérprete internacional?

Não sei... Foi há muito tempo.

Em 2002, aqui na Argentina, eu interpretando de LSA (língua de sinais argentina) para ASL fiquei um pouco inseguro mas, depois fui me acostumando. Em 2003 no Canadá... Nossa!!! Tinham cinco mil pessoas no auditório. Não fiquei nervoso não. A interpretação fluiu bem. Mas eu fui corajoso! Comecei um tanto retraído, mas depois tudo fluiu bem.

É importante manter uma atitude positiva, e não negativa!

APÊNDICE II

Roteiro para entrevista com participantes de congressos internacionais com a presença de intérprete Surdo.

- 1- Numa palestra ministrada em sinais por um estrangeiro, você acha necessária a presença de um intérprete Surdo? Por quê?
- 2- Numa palestra ministrada oralmente, num primeiro momento há um intérprete ouvinte. Num segundo momento, de revezamento, há atuando um intérprete Surdo. O que você sente?
- 3- No momento que você se deparou a primeira vez com um intérprete Surdo, qual foi sua reação? Você já tinha informações sobre tal profissional?
- 4- Se você precisar conversar à parte com o palestrante estrangeiro, você tem a disposição dois intérpretes de Sinais Internacionais: Um Surdo e um ouvinte. Você vê diferença na atuação dos dois ou você tem preferência por um deles?

Primeiro(a) entrevistado(a): F

Surdo(a) testemunha de atuações de intérpretes Surdos.

1- Numa palestra ministrada em sinais por um estrangeiro, você acha necessária a presença de um intérprete Surdo? Por quê?

Vejo que ter um intérprete Surdo é bom! Porque o Surdo tem capacidade para tal. A capacidade não se relaciona com o fato de ouvir ou não. Não podemos dizer que o Surdo não pode fazer isso por causa da barreira da língua portuguesa. Se o Surdo tiver ciência e leitura da língua portuguesa, como também a visão necessária para realizar adaptações no raciocínio da tradução, ele pode fazer tudo isso. Pois, já contamos com Surdos com formação acadêmica se profissionalizando em diversas áreas. Há pouca informação aos Surdos a respeito dessa área. Aproveite! Você é capaz!

É necessária a presença do intérprete Surdo sim. Eu o vejo no mesmo patamar do ouvinte! Antes mesmo do momento da interpretação, ele sabe previamente o que será dito. Ele lê a respeito do que o palestrante vai falar ou tem um contato prévio com o palestrante para que este lhe explique o que será dito. Então, o usuário da LIBRAS pode agir da mesma forma. Pode ler o texto, chamar um intérprete para tirar dúvidas e já ir absorvendo o discurso e realizar as adaptações para o momento da interpretação.

Porque o Surdo tem propriedade para esclarecer com o uso dos classificadores, captando o que é dito e sinalizando. Isso é possível sim.

Mas, não digo que isso pode ser feito por qualquer Surdo, de qualquer maneira. Não! É preciso estudar, ler, se capacitar e tomar ciência. Ok? Entendeu?

2- Numa palestra ministrada oralmente, num primeiro momento há um intérprete ouvinte. Num segundo momento, de revezamento, há atuando um intérprete Surdo. O que você sente?

Por já estar habituado a presenciar a troca de intérpretes ouvintes a cada meia hora durante um congresso, quando eu vi uma substituição feita por um Surdo, a princípio me assustei, pois não esperava. Fiquei me perguntando: Como?! Como?! Então, observei que naquele momento atuavam três pessoas: o palestrante, um intérprete ouvinte sentado e um intérprete de LIBRAS, Surdo, posicionado em pé, de frente para o público. Parece que eram três. O palestrante ministrando oralmente, o intérprete sentado sinalizando e outro intérprete sinalizando para o público.

Parece que era algo novo! Há tempos atrás não acontecia isso. Era algo recente. Era de se causar estranheza. Contudo, achei legal! Prosseguir com isso é muito importante! Ser Surdo não é motivo para não poder trabalhar nessa função. Tal trabalho é possível a ele.

Seria legal continuar mostrando essa atividade. Acho bacana. Não pelo motivo de reagir contra subestimação do Surdo. Não é por isso. Mas pela capacidade e inteligência que o Surdo possui, pela busca de informações, pela desenvoltura com os classificadores e pelos méritos acadêmicos.

Realmente já me surpreendi e me assustei ao ver um intérprete Surdo no congresso. Depois entendi a atuação juntamente com outro intérprete sentado a frente dele. Achei bom, legal. Inclusive, já o parabeneizei pelo trabalho.

Esse desenvolvimento é importante. O que quero dizer com desenvolvimento é o avanço tecnológico sendo usado para equiparar o trabalho entre intérpretes ouvintes e Surdos. O Surdo é capaz. Essa capacidade torna possível vencer as dificuldades. Eu vi que realmente sinalizava com fluência e destreza. Não percebi momentos de dúvidas ou embaraço esperando parado a sinalização. Vi firmeza. Eu gostei e concluo que vale a pena. A LIBRAS estava joia!

3- No momento que você se deparou a primeira vez com um intérprete Surdo, qual foi sua reação? Você já tinha informações sobre tal profissional?

Na primeira vez que vi um Surdo interpretando num congresso, levei um susto! Achei diferente! Nunca tinha visto isso antes em nenhum outro lugar. Ainda não tinha visto nada igual. A primeira vez que presenciei isso foi num congresso do INES. O intérprete era o Ricardo. Anteriormente, já tinha visto em algum programa de televisão, cujo nome não me

lembro, a Surda Jeanine nesse programa de deficientes, um ouvinte falava oralmente e ela, Surda, interpretava. Pensei: Como é possível?! Estranhei. Fui vendo o programa e vi firmeza nela. Foi muito bom!

A segunda vez que vi foi no congresso. Porém, pessoalmente, foi a primeira vez. Causou-me curiosidade e fiquei observando a logística do trabalho. Foi muito bom! Percebi que o palestrante falava oralmente, o intérprete ouvinte interpretava para a LIBRAS, sentado, de frente para o Surdo e o Surdo, Ricardo, não fazia mera reprodução. Ele fazia adaptações! Parece que ele recebia o discurso em LIBRAS e retransmitia de forma mais clara! Foi muito bom! Achei legal! Um pouco difícil, mas ele conseguiu! Por isso o Surdo é capaz! Eu senti...

Sou Surdo. Mas eu não conseguiria fazer esse trabalho de interpretação como ele fez. Falta-me leitura. Tenho consciência de que não basta querer! É necessário ter dom e interesse para tal profissão. Para mim, esse trabalho é impossível! Não dá! Para outros Surdos, eu não sei. Você mesmo consegue fazer isso com grande fluência. Pareceu-me haver adaptação da LIBRAS recebida do ouvinte e transmitida para o Surdo. Muito bom!

Além disso, antes, eu não tinha informação alguma a respeito. Estou tendo informação pela primeira vez agora. Eu fico feliz com esse início da profissionalização do intérprete Surdo. É preciso! Em minha opinião, é muito importante! É de grande valor! Tanto o intérprete ouvinte quanto o intérprete Surdo têm valor na mesma medida. O Surdo apresenta uma LIBRAS mais esclarecedora com o uso dos classificadores e nas ações verbais. Por exemplo: É plenamente possível “pegar” essa sinalização do ouvinte e fazer adaptações que trazem melhor entendimento. Por tanto, é a primeira vez que tenho informações a respeito. Agora já sei!

4- Se você precisar conversar à parte com o palestrante estrangeiro, você tem a disposição dois intérpretes de Sinais Internacionais: Um Surdo e um ouvinte. Você vê diferença na atuação dos dois ou você tem preferência por um deles?

Eu, por motivos que me trarão entendimento mais claro, eu prefiro um Surdo. Porque o Surdo tem a visão muito aguçada (olho caro!) para perceber a estrutura linguística rapidamente! A percepção linguística é muito rápida! Até poderia ser com um intérprete ouvinte sim. Mas eu sinto leves falhas na interpretação. Um intérprete Surdo proporciona uma

comunicação mais clara! O papo, a comunicação flui normalmente para ambos os lados. É melhor o intérprete Surdo. Eu prefiro.

E por que essa minha preferência? Porque esse Surdo já teve contato em outros lugares com estrangeiros e também pelo Facebook através de vídeos. Também já foi hospedado por estrangeiros Surdos em vários lugares e já hospedou vários em sua casa. Dessa forma, no momento da palestra, no congresso, a tradução flui tranquilamente de maneira melhor e mais clara. Pelo fato de já entender como se dá o ato da tradução. Eu prefiro o intérprete Surdo.

Há também o ouvinte CODA (Children of the deaf adults). Porém, reconheço o valor do intérprete Surdo. A interação intermediada por ele corre fluentemente!

Eu me lembro de um congresso com SI (International signs), em SC (Santa Catarina), onde Ronice estava presente. Muitos Surdos usuários da ASL e dos SI foram ao congresso. Houve palestras orais, palestrantes Surdos usuários de várias outras Línguas de Sinais. Tudo correu perfeitamente bem! Ali se tratava de um contexto profissional acadêmico. Foi tudo muito claro!

Por isso, Ricardo, sua pesquisa é muito boa no desenvolvimento da capacidade do intérprete Surdo! Se houver necessidade, em qualquer lugar que seja, como num concurso, por exemplo, o Surdo é capaz de interpretar em qualquer lugar. Seja numa reunião ou outros setores, ele é capaz.

Eu agradeço pelas perguntas.

Segundo(a) entrevistado(a): G

Intérprete ouvinte participante de palestras interpretadas por Surdos.

1- Numa palestra ministrada em sinais por um estrangeiro, você acha necessária a presença de um intérprete Surdo? Por quê?

No Brasil, os intérpretes de LIBRAS ouvintes são a maioria. Porém, sabemos que há insuficiência de intérpretes (ouvintes) de SI (Sinais Internacionais), de ASL, a Língua de Sinais Americana, a Espanhola, a Francesa e as demais Línguas de Sinais para suprir a demanda. Aqui no Brasil ainda não temos intérpretes ouvintes formados para desenvolver este trabalho de interpretação de uma Língua de Sinais estrangeira, diferente de alguns países que já contam com intérpretes ouvintes formados especificamente e que trabalham com a Língua de Sinais de seu próprio país e também são habilitados para exercer a profissão em outra Língua de Sinais. No Brasil ainda não temos este tipo de formação. Por essa razão sinto que é importante e necessária a participação do intérprete Surdo. Mas, não é algo que deva ser feito de qualquer maneira, só pelo fato de bater papo com amigos Surdos. Eu mesmo consigo me comunicar com Surdos estrangeiros que vêm aqui. Consigo me comunicar num bate papo. Mas, sabemos que no momento de interpretação é preciso vocabulário, esforço para apropriação de conhecimento da cultura e identidade para se utilizar das estratégias cabíveis à estrutura da Língua de Sinais. Conhecer sinais não basta. Eu já conheço alguns sinais em SI.

Mas é preciso conhecer o "jeito", as colocações das palavras de modo a estabelecer conexões. Isso sim é um intérprete de SI, ASL ou outras línguas! Portanto, se o Surdo já se apropriou da língua e de seus componentes gramaticais, ok. Dessa forma, diante das razões que já disse, acho necessária sim, a inserção do intérprete Surdo.

2- Numa palestra ministrada oralmente, num primeiro momento há um intérprete ouvinte. Num segundo momento, de revezamento, há atuando um intérprete Surdo. O que você sente?

Acho que precisamos pensar qual o objetivo em se trabalhar com uma dupla onde um é intérprete e o outro, ouvinte? Como fazer esse trabalho? Vamos imaginar:

O intérprete ouvinte vai receber pela audição o discurso oral e assim, fará a tradução simultânea. E digamos que a troca seja a cada 20 minutos. Ao terminar os primeiros 20 minutos do intérprete ouvinte, o intérprete Surdo o substitui. Ele vai fazer leitura labial do palestrante, virando o pescoço de lado para vê-lo? Ou será preciso um terceiro intérprete (ouvinte) realizando a interpretação, sentado de frente para o intérprete Surdo enquanto ele estiver no turno de interpretação (espelhando), posicionado a frente do público? Esse intérprete Surdo vai receber o discurso em Língua de Sinais do intérprete ouvinte que está sentado à sua frente para fazer as adaptações linguísticas/culturais para um entendimento mais claro de alguns Surdos do auditório. Ele precisaria então realizar adequações culturais cabíveis. Mas, e os outros Surdos que sabem LIBRAS fluentemente? Conseguirão acompanhar esta interpretação? Porque o intérprete Surdo está focando sua interpretação num certo público que precisa de adaptações. E esses outros Surdos que estão observando também? É nisso que estou pensando. Acho relevante sim ter um intérprete Surdo se houver um momento propício para acontecerem estas adaptações para certo público específico. Em se tratando de interpretação PORTUGUÊS <> LIBRAS, existe ouvintes proficientes, ou seja, capazes de executar o serviço fazendo adaptações e repassando informações claramente para o público Surdo. Depende da situação. Se houver um grupo de Surdos que necessite de adaptações específicas, de Surdo para Surdo, sua presença pode sim ser necessária. Porém, não para um trabalho de revezamento, mas sim para atender um público específico, ou seja, devem ser acrescentados intérpretes Surdos numa equipe de intérpretes ouvintes já formada a

partir da demanda de revezamentos. Em se tratando de LIBRAS/PORTUGUÊS, acredito que intérpretes ouvintes façam bem a interpretação simultânea. Ou, que seja uma equipe de três intérpretes onde um possa atuar como intérprete de apoio, sentado de frente para o intérprete Surdo, por exemplo.

Contudo, na teoria, tudo é perfeitamente possível. Mas, na prática, pensando no custo, a maioria das empresas não quer remunerar três profissionais pelo fato de ter um Surdo. Se a empresa pode pagar apenas dois ouvintes farão o mesmo trabalho, a interpretação nas versões LIBRAS e Língua Portuguesa, ouvindo e sinalizando e também na versão voz. Vão preferir sempre orçamentos sem o profissional Surdo. Então, o que vemos na vida real, não é a contratação do Surdo, mas sim a de dois ouvintes, por exemplo.

Diante das circunstâncias atuais, usando a situação hipotética que citei acima, penso que se torna possível apenas a atuação de uma dupla de intérpretes ouvintes, e não uma dupla de intérpretes, um ouvinte e um Surdo.

3- No momento que você se deparou a primeira vez com um intérprete Surdo, qual foi sua reação? Você já tinha informações sobre tal profissional?

A primeira vez que vi e trabalhei junto com um intérprete Surdo foi com você, Ricardo! Foi no Congresso do INES. Éramos todos ouvintes na equipe com a exceção de você. O único Surdo na equipe! Lembro-me que eu mesmo, incentivei os ouvintes dizendo: "Vamos! Esta é uma oportunidade da gente mostrar que o Surdo também pode fazer esse trabalho em LIBRAS!" Aí, para interpretar a cerimônia de abertura do congresso, durante a fala da diretora, lembro-me de incentivar: "Vamos deixar o Ricardo subir para interpretar! A gente fica no apoio, sinalizando sentado de frente para ele!" E assim foi feito. O Ricardo interpretou consecutivamente, realizando as adaptações. Por que isso foi possível ali? Foi o que eu disse antes sobre Surdos e ouvintes trabalhando juntos, lembra? Neste contexto do Congresso do INES, isso foi possível porque o INES é "a casa do Surdo". Durante o evento são oferecidas e aceitas novas estratégias. Pode ser que futuramente essa aceitação seja comum no Brasil. Mas, na realidade, isso não acontece fora. Dentro do Instituto já existe este precedente, estávamos juntos, os intérpretes ouvintes e o intérprete Surdo (Ricardo) num momento de interpretação LIBRAS <> PORTUGUÊS na abertura do Congresso. Óbvio que

ele não ouvia, pois é Surdo E não precisou ler lábios de quem falava ao microfone. Ele estava trabalhando em conjunto com o intérprete ouvinte de apoio. Surdo e ouvinte compartilhando o exercício da interpretação simultânea.

É lógico que antes dessa oportunidade eu já tinha informações sobre alguns Surdos trabalhando com interpretação e tradução tanto em vídeos, em palestras, quanto em salas de aula lançando mão de várias estratégias. Em sala de aula, no próprio INES já existia há muito tempo a figura do Assistente Educacional em LIBRAS. Se a comunicação entre professor e alunos durante a aula não fosse suficiente, o Assistente em LIBRAS (um Surdo) entrava em cena com seu apoio e fazia, na prática, uma espécie de interpretação consecutiva em libras do que o(a) professor(a) tinha tentado passar sem sucesso para os alunos Surdos.

4- Se você precisar conversar à parte com o palestrante estrangeiro, você tem a disposição dois intérpretes de sinais internacionais: Um Surdo e um ouvinte. Você vê diferença na atuação dos dois ou você tem preferência por um deles?

Nesse caso tanto faz. Não tenho preferência. Se o ouvinte souber se comunicar bem em SI, tudo bem. Mas, eu volto à primeira questão: No Brasil ainda não temos intérpretes ouvintes de SI. Por isso, é lógico que, se isso ocorresse agora, eu acho que preferiria o Surdo por me parecer ser este o mais experiente como o Ricardo, o Bruno... Não por serem Surdos, mas porque já viajaram para eventos no exterior e também por conviverem com amigos Surdos estrangeiros em visita ao Brasil. É difícil ver ouvinte convivendo, se relacionando e aprendendo dessa maneira. Por isso, naturalmente, eu prefiro o Surdo por me parecer que naturalmente tem mais experiência do que o ouvinte. Se ambos estiverem no mesmo patamar de compreensão e conforto na língua estrangeira, não terei preferência. Mas, ao que me parece, o Surdo ainda transita melhor entre as diferentes línguas de sinais estrangeiras em relação ao ouvinte. Talvez isso se dê pelo contato e a convivência insuficiente ou inexistente de ouvintes com os Surdos estrangeiros que vêm aqui, por exemplo. Não vejo ouvintes fazendo amizade com este pessoal quando estão por aqui. Já os Surdos brasileiros, hospedam os estrangeiros em suas casas e, se estão no hotel, combinam de se encontrarem na rua, num bar, etc. A convivência é sempre entre Surdos! Por isso, eu acho... Bom, para não me estender muito mais, resumindo... Sim, hoje eu acho que preferiria um tradutor Surdo para esta

interação. Atualmente, eu preferiria Surdo. Porém, se um dia, o ouvinte ocupar a mesma proficiência em SI que vemos alguns Surdos tendo hoje em dia, não terei mais esta preferência por intérpretes Surdos. Poderá ser um intérprete Surdo ou ouvinte.

Terceiro(a) entrevistado(a): H

Surdo(a) testemunha de atuações de intérpretes Surdos.

1- Numa palestra ministrada em sinais por um estrangeiro, você acha necessária a presença de um intérprete Surdo? Por quê?

Sim. A presença do intérprete Surdo é muito importante! Sendo Surdo, sua sinalização emite clareza aos seus pares. Ele compreende diversas questões intrínsecas do Surdo. É capaz de fazer uma interpretação coesa com o discurso, observando a sinalização do intérprete ouvinte assentado à sua frente. Ele modifica um discurso um tanto obscuro para um discurso mais compreensível. O Surdo precisa e tem o direito de receber as informações transmitidas pelo palestrante em todos os seus detalhes.

2- Numa palestra ministrada oralmente, num primeiro momento há um intérprete ouvinte. Num segundo momento, de revezamento, há atuando um intérprete Surdo. O que você sente?

Pensemos numa interpretação feita da língua fonte SI ou ASL para a língua alvo, LIBRAS. Minha resposta é a mesma da primeira questão. Percebo que com o Surdo, compreendo mais claramente. É de Surdo para Surdo! Porque um intérprete ouvinte sabe sim fazer a tradução e interpretação. Mas, a sinalização vem um tanto obscura. O intérprete Surdo, além de saber realizar a tradução e a interpretação, ele conhece questões inerentes ao Surdo e oferece clara compreensão aos seus pares. Tem em comum com o público, a mesma língua.

3- No momento que você se deparou a primeira vez com um intérprete Surdo, qual foi sua reação? Você já tinha informações sobre tal profissional?

Eu já sabia da existência de intérpretes Surdos sim, em outras partes do mundo, como na Gallaudet, WFD (World Federation of the Deaf) e em outros congressos europeus. Tive informações pelo Facebook, internet e através de alguns amigos. Eu fiquei admirado e com água na boca, pois aqui no Brasil ainda não tinha. E quando eu vi um intérprete Surdo num congresso aqui, foi algo novo e muito emocionante para mim. Porque era o primeiro intérprete de LIBRAS Surdo e brasileiro! Foi confortante!

4- Se você precisar conversar à parte com o palestrante estrangeiro, você tem a disposição dois intérpretes de Sinais Internacionais: Um Surdo e um ouvinte. Você vê diferença na atuação dos dois ou você tem preferência por um deles?

Importante! Se eu quiser perguntar algo diretamente a qualquer palestrante estrangeiro Surdo, conhecendo eu, apenas a LIBRAS e desconhecendo a ASL ou SI, eu prefiro chamar um intérprete Surdo. Porque ele está engajado nos mesmos empenhos Deaf World. Estamos entre iguais. Se um intérprete ouvinte fizer essa mediação, haverá desentendimentos. Então, vou ter que voltar e falar de novo! Perde-se tempo. Com o Surdo, essa interação é ligeira e tranquila porque ele conhece o âmago Surdo, tem ampla percepção visual, conhece a língua e o jeito de empregar as mãos.

Quarto(a) entrevistado(a): I

Surdo(a) testemunha de atuações de intérpretes Surdos.

1- Numa palestra ministrada em sinais por um estrangeiro, você acha necessária a presença de um intérprete Surdo? Por quê?

Se o palestrante for um estrangeiro usuário de Língua de Sinais, eu prefiro que o intérprete seja Surdo. Porque ele vai fazer as adaptações rapidamente de acordo com a cultura

surda. Pois, se inicialmente for feita a versão voz do palestrante que está sinalizando e depois for feita a versão LIBRAS, fica muito trabalhoso!

2- Numa palestra ministrada oralmente, num primeiro momento há um intérprete ouvinte. Num segundo momento, de revezamento, há atuando um intérprete Surdo. O que você sente?

Vejo como algo normal. Mas, depende. Se o intérprete Surdo tiver boa experiência e for capaz de acompanhar o discurso, não se atrasando em relação ao palestrante, tudo bem. O intérprete Surdo precisa atuar mais intensificamente! Para mim vale a pena! Sinto que é melhor!

3- No momento que você se deparou a primeira vez com um intérprete Surdo, qual foi sua reação? Você já tinha informações sobre tal profissional?

A primeira vez que vi um intérprete Surdo foi no Deaf Academics. A palestra era ministrada em Gestuno ou SI e, um intérprete Surdo de frente para o palestrante interpretava, outro intérprete também Surdo, ao lado do palestrante, recebia a interpretação e fazia adaptações muito boas! Foi muito legal! Me senti bem! Parecia conseguir acompanhar. Consegui entender tudo muito bem contextualizado!

Outrora, o intérprete Surdo captava o discurso em SI por um televisor e interpretava muito bem! Não me pareceu perder nada. Pareceu ter muita experiência. Isso é muito importante!

Eu tinha informações sobre intérpretes Surdos formados, mas estranhei isso. Após ver pessoalmente, vi que tinham razão! Esse profissional precisa ser qualificado. Não é qualquer Surdo que saiba usar a língua e consiga se comunicar, que vai interpretar. Não. Vai depender da profissionalização deste. Com certeza!

4- Se você precisar conversar à parte com o palestrante estrangeiro, você tem a disposição dois intérpretes de Sinais Internacionais: Um Surdo e um ouvinte. Você vê diferença na atuação dos dois ou você tem preferência por um deles?

De fato eu prefiro o intérprete Surdo! Porque ele conhece a cultura surda. E isso é o mais importante. Também por motivos linguísticos espaço-visuais perfeitamente adequados aos Surdos. É possível também para o intérprete ouvinte, mas, há a questão da “alma surda”! Sem isso, há perdas. De Surdo para Surdo a conexão é estabelecida positivamente. Com o intérprete ouvinte é possível também, mas é melhor com o intérprete Surdo.

ANEXO

Código de ética do intérprete

- 1) O intérprete será uma pessoa de alto caráter moral, honesto, confiável, consciente e de maturidade emocional. Ele guardará informações confidenciais e não trairá confidências as quais foram reveladas a ele.
- 2) O Intérprete manterá imparcialidade ou atitudes neutras durante o decorrer da sua interpretação, evitando impor seus próprios pontos de vista, a menos que lhe perguntem sua opinião.
- 3) O intérprete interpretará fielmente e da melhor maneira possível sempre transmitindo o pensamento, intento e o espírito do falante. Ele deverá lembrar os limites de sua particular função e não ir além da sua responsabilidade.
- 4) O intérprete deverá reconhecer seu próprio nível de competência e usar discrição em aceitar tarefas, procurando a assistência de outro intérprete quando necessário.
- 5) O intérprete deverá adotar um modo conservador de se vestir, mantendo a dignidade da sua profissão e não chamar atenção sobre si mesmo.
- 6) O intérprete deverá usar discrição no caso de aceitar remuneração de serviços e ser voluntário, onde fundos não estão disponíveis.
- 7) O intérprete jamais deverá encorajar pessoas surdas a buscarem decisões legais ou outras que lhe favoreçam, simplesmente pelo fato do intérprete ser simpático ao surdo.
- 8) Em caso legal de interpretação, o intérprete deverá informar a corte quando o nível de compreensão da pessoa surda envolvida é tal, que interpretação literal não é possível e o intérprete terá de parafrasear grosseiramente e reafirmar ambos: o que é dito ao surdo e o que o surdo está dizendo à corte.
- 9) O intérprete deverá se esforçar para reconhecer os vários tipos de recursos necessários a uma compreensão adequada por parte do surdo. Aqueles que não conhecem a Língua de Sinais poderão requisitar assistência de comunicação escrita. Aqueles que conhecem a língua de sinais poderão ser assistidos pela tradução (interpretação oral da palavra original), ou interpretação (parafraseando, definindo, explicando ou fazendo conhecer a vontade do palestrante, sem considerar a linguagem original usada).
- 10) Reconhecendo a necessidade do seu desenvolvimento profissional, o intérprete irá se agrupar a colegas da área com o propósito de compartilhar novos conhecimentos. Procurará

compreender as implicações da surdez e as necessidades particulares da pessoa surda.

Desenvolver suas capacidades expressivas e receptivas em interpretação e tradução.

11) O intérprete deverá procurar manter a dignidade e a pureza da Língua de Sinais. Ele também deverá estar pronto para aprender e aceitar sinais novos, se isto for necessário para o entendimento.

12) O intérprete deverá se responsabilizar, sempre que possível, pela manutenção do respeito do público ao surdo. Reconhecendo que muitos equívocos (má informação) têm surgido pela falta de conhecimento na área da surdez e do tipo de comunicação utilizada pelos Surdos.

Aprovado no 1º Encontro Nacional de Intérpretes, realizado em 5 e 6 de novembro de 1992, durante o DEF'RIO/92, na cidade do Rio de Janeiro. (FENEIS- Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos)